



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

VINÍCIUS NASCIMENTO

BAIACO: MAIS DO QUE O HOMEM QUE PAROU PELÉ

Salvador
2020

VINÍCIUS NASCIMENTO DIAS EVANGELISTA

BAIACO: MAIS DO QUE O HOMEM QUE PAROU PELÉ

Projeto experimental para conclusão do curso de graduação em
Produção em Comunicação e Cultura da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: prof. dr. Marcelo Monteiro Costa

Salvador
2020

RESUMO

O presente Memorial Descritivo conta as etapas, ideias, diário de bordo e plano de desenvolvimento do projeto experimental *Baiaco: Mais que o homem que parou Pelé*, um livro que compila histórias, números e causos sobre Edvaldo dos Santos, ex-jogador do Esporte Clube Bahia e personagem tão folclórico quanto heroico do futebol baiano.

AGRADECIMENTOS

Todo este trabalho é fruto de um esforço coletivo. Nada no mundo se faz só e, se hoje estou aqui me fazendo de camisa 10 e empurrando a bola pro gol, é porque tive vários carregadores e várias carregadoras de piano me dando a cobertura necessária para enfrentar a marcação cerrada imposta pela vida.

Agradeço aos meus pais, Ana Paula e Menandro, e às minhas avós, Anete Maria e Maria Arivany, por toda a cobertura e ensinamentos. O time é muito maior, visto que tenho a sorte de fazer parte de um elenco gigantesco, porém não arriscarei citar todos, pois temo cometer o pecado do esquecimento. De todo modo, sei que essas quatro pessoas estão representando todo o mundo. Esse elenco me ofereceu horas e horas de aulas que não canso de ter — mesmo quando tenho de levar sermões e pitos. Foi, é, e sempre será por amor.

Não posso deixar de mencionar meu avô, Carmindo Oliveira Dias (*in memoriam*), por trazer o Esporte Clube Bahia à minha vida. A este último, também tenho muito a agradecer, por me ensinar tanto e por ser o principal responsável por eu amar o que hoje é meu ofício; por me mostrar que nem só de títulos e glórias se faz uma paixão — embora tê-los seja sempre bom; e que nem só de mão na cabeça e complacência se faz uma história de amor. Amor é palavra chave de todo esse monólogo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador, Marcelo Costa, por toda a paciência e dicas oferecidas nessa trajetória que já se arrasta há quase dois anos. Em Marcelo, encontrei um parceiro que também tem seu apreço pelo futebol e foi quem me ensinou a explorar as grandes costuras que a vida de um personagem oferece. Saber misturar cada fio, cada detalhe, numa história tão intensa foi a chave que me motivou a não desistir, mesmo que levando um tempo além do imaginado no começo. A todos e todas vocês: muito obrigado. Sem vocês, nada disso seria possível.

PREFÁCIO, POR ANDRÉ UZÊDA

O bom jornalismo marca como um volante moderno. Não cabe mais desempenhar uma única função, como num modelo fordista de linha de montagem. Quando mergulha em grandes histórias, sobretudo as biográficas, a duplicidade se desnuda fácil: é preciso separar o folclore do real e, ainda assim, temperar um bom e atrativo enredo.

Vinícius Nascimento faz seu *debut* literário em *Baiaco: mais do que o homem que parou Pelé* com um personagem de fascínio sedutor. Considerado por muitos como o maior jogador a vestir a camisa do Bahia, o lendário camisa 5 do Esquadrão tem uma história recheada por mitos, causos e uma propagação ingenuidade que convoca ao riso fácil pelo expediente da tolice pueril.

Entre a ficção e o real, o autor não se dobra à folclorização sem antes discutir quais mecanismos discursivos ela embaraça. O racismo, o preconceito de classe, a supremacia de dirigentes sobre atletas e o descaso com o ídolo popular permeiam a escrita de Vinícius Nascimento para desenhar quem foi e o que, de fato, representou Baiaco no imaginário do torcedor.

Dono de um futebol incansável, Baiaco nasceu Edvaldo dos Santos, em 1949. O Brasil tinha apenas 61 anos de uma nação regulada fora do regime escravocrata, desde a libertação oficial pela Lei Áurea, em 1888. Cresceu sem pai, num ambiente pobre no mesmo Recôncavo baiano que foi lar e bandeira para negros fugidos estabelecerem seus quilombos de resistência.

A vinda de Baiaco para o Bahia, na década de 1960, é marcada por uma forte contrariedade em deixar sua bucólica Santo Francisco do Conde. A relação pendente com a cidade impediu, anos mais tarde, sua transferência para o Vasco da Gama, clube estabelecido por desafiar a política racial dos primórdios do esporte bretão e conquistar um campeonato estadual, em 1923, com jogadores negros e pobres.

Mesmo com a promessa de um contrato mais vantajoso financeiramente, e uma visibilidade nacional que poderia aproximá-lo da Seleção Brasileira, Baiaco se guiou por um axioma russo para rejeitar as mordomias oferecidas pelo trinômio fama, dinheiro e sucesso. Ainda no século XIX, o escritor Leon Tolstói ensinou algo que o camisa 5 nasceu sabendo: “se queres ser universal, começa por pintar tua aldeia”.

Com a camisa do Bahia, conquistou nove títulos estaduais, sendo sete deles de maneira consecutiva — é a maior hegemonia, ainda hoje, no futebol local. Seus feitos ainda incluem um rol de interdições a atletas como o Rei Pelé, Dirceu Lopes e quase todo o escrete do Vitória por uma década de supremacia e imposição.

Das duas estrelas que o Bahia ostenta no peito, acima do escudo, e representativas de duas conquistas nacionais (Taça Brasil, de 1959, e Copa União, de 1988), Baiaco não participou de nenhuma delas. Ainda assim, é lembrado como ídolo maior por conquistas dramaticamente regionais. No imaginário fabuloso que o esporte permite criar, não é exagero desmedido dizer que Tolstói viu Baiaco jogar.

Se neste prefácio, permite-se gracejos irresponsáveis, na escrita de Vinícius, a objetividade jornalística toma forma cronológica, com rigor acadêmico, referencial bibliográfico e entrevistas colhidas diretamente com as fontes oculares. O texto não traz falas de Baiaco, desde jovem avesso aos assédios midiáticos e recolhido pelo costume taciturno. No entanto, o mestre Gay Talese, há mais de meio século, ensinou em seu brilhante *Frank Sinatra está resfriado* como perfilar um grande personagem sem necessariamente entrevistá-lo.

Se a escrita de Vinícius segue as disciplinas táticas consagradas, os gracejos, volta e meia, pululam o texto e dão o ar da graça, tal qual uma tabaca inusitada na lateral de campo. Baiaco sempre jogou na marcação, dificultando a vida dos mais habilidosos. Isso, porém, não o impediu de marcar seus 13 gols na carreira. Escrever de forma engajada e reflexiva não é pedágio para um texto tedioso.

O Baiaco em Vinícius sabe marcar sem esquecer de pintar sua própria aldeia.

NOTAS DO AUTOR

Quando se fala de Baiaco, não é estranho que o comunicante externe adjetivos como “gênio”, “incansável”, “pegador” e “dono do meio-campo”. Ou ainda frases como “o maior volante da história do Bahia” e “o melhor que já vi jogar”.

Quem escuta falar sobre as peripécias do volante que saiu a contragosto de sua terra natal, São Francisco do Conde, para jogar bola na capital, tem a curiosidade despertada — basta ter um pouquinho de coração para querer saber um pouco mais sobre uma pessoa que faz tantos olhares se perderem em brilho, mesmo que já tenham se passado mais de três décadas desde que ele deixou o gramado.

Este livro nasceu com a ideia de falar sobre a história de Baiaco, amarrando suas histórias de vida conforme os causos eram descobertos por este escriba. Talvez por uma certa imaturidade do apurador que aqui escreve, talvez por algumas tantas enrolações que sofreu, o projeto tomou outros rumos e acabou chegando em um grande compilado de relatos e encantamentos sobre Edvaldo dos Santos. Foi ele quem impediu Pelé de fazer o milésimo gol na Fonte Nova e quem sustentou a base para um Bahia heptacampeão baiano em uma época na qual os estaduais valiam até mais que o Campeonato Brasileiro.

O homem que foi um monstro e dono do Bahia enquanto esteve no clube, mesmo com tanto poder em mãos, nunca deixou de lado a simplicidade e o amor pela terra que lhe colocou no mundo. Rejeitou o Vasco em negócio que poderia envolver até Tostão, herói do tri, com a mesma naturalidade que se esquivava dos treinos físicos no Centro de Treinamento do Bahia para manter sua forma nos babas¹ na beira do mar do Recôncavo baiano.

Este livreto é sobre Baiaco. Seja bem-vinda, seja bem-vindo.

¹ “Baba” é o termo que, na Bahia, se equivale a uma “pelada”. Significa partida de futebol, futsal e semelhantes

SUMÁRIO

1	NASCIDO PARA VENCER.....	9
2	DIGNIDADE AOS ÍDOLOS.....	18
3	FILHO DE SÃO FRANCISCO.....	19
4	O MAIOR QUE JÁ VI.....	24
5	ALGUÉM ME TIRA DAQUI!	29
6	OS CAUSOS.....	31
7	OLHAR TÁTICO.....	43
8	PORTA DOS FUNDOS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	50

1 Nascido para vencer

Mal terminaram de estourar os fogos, em comemoração ao nascimento daquele ano de 1931, quando um grupo de ex-atletas do Clube Bahiano de Tênis e da Associação Atlética da Bahia (AAB) fundaram o clube que deveria carregar o nome e as cores do estado responsável pela independência brasileira. Jornalistas, médicos, estudantes, microempresários e profissionais liberais decretaram, naquele 1º de janeiro, o nascimento do Esporte Clube Bahia.

O time nasceu bem à sua maneira: aos 45 do segundo tempo. Os primeiros personagens do escrete atendiam pelos nomes de Carlos Koch, Eugênio Walter — o Guarany —, Fernando Tude e Júlio Almeida — todos do Bahiano de Tênis que se juntaram a Waldemar de Azevedo, da AAB.

Os quatro não completavam sequer um time de futebol de salão, imagina, então, um baba de 11 pessoas. Ainda assim, organizaram uma reunião em pleno dia de Conceição da Praia, 8 de dezembro, para discutir a criação de um novo clube de futebol — já que suas antigas equipes abandonaram o departamento responsável por tocar o projeto do esporte bretão.

Menos de um mês depois daquele feriado, o clube nascia sob o *slogan* de “nascido para vencer”. Foram mais 15 dias até 16 de janeiro de 1931, quando o Diário Oficial do Estado publicou a criação do Bahia, tornando legal a sua existência.

Naquele mesmo ano, viriam os dois primeiros títulos. O Torneio Início e o Campeonato Baiano de 31. Menos de 30 anos depois de sua fundação, o grupo capitaneado por Léo Briglia, Marito, Vicente e Alencar conquistou o primeiro campeonato nacional de futebol organizado no país: a Taça Brasil de 1959, com direito a vencer o Santos de Pelé na final.

Nos tempos de hoje, o mês de janeiro representa pouco no caótico calendário do futebol brasileiro. É nesse período que os elencos costumam iniciar suas fugazes pré-temporadas antes de iniciarem as disputas de campeonatos estaduais. Apesar do pouco movimento de bola rolando no período, o primeiro mês do ano representa muito para o Bahia, porque, além de comemorar a sua própria existência, foi nesse mês que nasceu o homem que se tornou o maior volante e um dos maiores ídolos de sua história.

Um pouco diferente daquele 1º de janeiro de 1931, os fogos já tinham se arrefecido na comemoração pela chegada do ano de 1949. O mundo estava prestes a noticiar o assassinato de Mahatma Gandhi na Índia, vítima de tiros disparados pelo nacionalista Nathuram Godse,

quando o pequeno Edvaldo dos Santos via o mundo pela primeira vez. O segundo dos oito filhos de dona Lealdina.

Quando havia completado 10 anos, o Bahia se sagrou campeão brasileiro pela primeira vez. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², a expectativa de vida no Brasil naquele 29 de março de 1960, data que marcou a celebração do 411º aniversário de Salvador, era de apenas 52,5 anos. O número é baixo para os padrões atuais, mas já representava uma redução considerável na taxa bruta de mortalidade em relação aos anos 1940, quando os homens viviam em média 42,9 anos e as mulheres chegavam aos 48,3 de idade, no geral.

O time formado por Nadinho, Beto, Henrique, Flávio e Nenzinho; Vicente e Mário; Marito, Alencar, Léo e Biriba — escrete escalado pelo argentino Carlos Volante — queria viver. E muito. Essa gana de vida certamente foi o alimento às pernas dos 11 rapazes para vencer o Santos por 3x2 em plena Vila Belmiro. Um empate na Fonte Nova foi suficiente para levantar o título do primeiro torneio de nível nacional realizado no futebol brasileiro.

Pelo caminho, o Bahia deixou os nordestinos CSA, Ceará e Sport na fase regional, triunfos que credenciaram o time azul, vermelho e branco para a fase nacional, entrando na semifinal contra o Vasco. Três jogos contra a equipe cruzmaltina foram necessários para chegar à final e enfrentar o Santos de Pelé, que, com seus 17 aninhos de vida, brilhou na final da Copa do Mundo conquistada pelo Brasil na Suécia em 1958.

Segurar o empate com Pelé, Coutinho, Pepe e companhia em campo não era missão das mais fáceis. Talvez fosse impossível. E na Fonte Nova o Rei brilhou, garantindo o 2x0 que forçou o jogo de desempate. Naquela época, pouco importava o placar, a contagem era feita a partir do número de vitórias nas partidas. Esse formato foi salvador para aquele Bahia que, depois de vencer a primeira por 3x2, contra o Sport, levou uma goleada de 6x0 no Recife. Caso o formato atual de placares agregados fosse vigente, o tricolor fatalmente estaria fora. Outros tempos, outros formatos. No jogo de desempate, o Bahia enfiou 2x0 e foi para a briga contra o Vasco na semifinal.

A partida contra o Santos na Fonte Nova aconteceu no dia 30 de dezembro de 1959. Data de meu aniversário, se vivo fosse. Um caso de pé frio histórico. Mas só se eu fosse vivo.

O jogo de desempate aconteceu meses à frente porque o Santos já tinha excursões previstas para o início do ano e não contava com a ousadia do Bahia, vencedor do primeiro

² EM 2015, a esperança de vida ao nascer era de 75,5 anos. **Agência de notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 1 dez. 2016. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9490-em-2015-esperanca-de-vida-ao-nascer-era-de-75-5-anos>>. Acesso em: mar. 2018.

jogo, para atrapalhar seus planos. O tricolor também não criou muito caso e deixou que o time paulista fizesse sua viagem mundo afora. Aproveitou para mexer em seu time e treinar bastante. O técnico da equipe, até aquele segundo, era Efigênio Bahiense, o Geninho, e foi dispensado para a chegada de Carlos Volante, incumbido de preparar o time para o grande jogo.

O desempate aconteceu em campo neutro, o Maracanã. Pelé sofreu com a excursão e se lesionou. Por isso, o Santos entrou com Lalá, Getúlio, Mauro, Formiga e Zé Carlos; Zito e Mário, Dorval, Pagão (Tite), Coutinho e Pepe. A falta do Rei foi sentida. O desgaste pelas viagens também. O Bahia, porém, não tinha nada a ver com isso. O Santos até abriu o placar com Coutinho, mas Vicente empatou e virou o jogo, que ainda veria o terceiro gol de Alencar, fechando o placar. O Bahia era campeão brasileiro pela primeira vez.

Foram quase 30 anos até aquela glória se repetir. Durante esse percurso, o time foi vice-campeão da Taça Brasil duas vezes, caindo para o Santos na final. Nos anos 1970, o clube viveu a sua década mais vitoriosa de seus quase 90 anos de história: um heptacampeonato estadual inédito na Bahia. Não era nenhuma novidade no Brasil porque o ABC de Natal e o América-MG³ já tinham emendado 10 títulos em sequência. O Coelho foi quem inaugurou a marca vencendo o mineiro de 1916 a 1925. Já o ABC foi campeão consecutivamente de 1932 a 1941. Até os dias de hoje, em 2020, esses são os recordes no país.

Dito isso, o Bahia foi o terceiro a levantar sete taças em sequência por aqui. Além de único hepta, também é o único clube da Bahia a ser pentacampeão. A primeira vez entre 1958 e 1962. E a segunda foi nessa sequência que só parou no sétimo título em fileirinha. Baiaco estava em todos eles e, antes disso, já tinha sido bicampeão na dobradinha que o tricolor conquistou entre 1970 e 1971. Em todos os anos da década de 1970, apenas em 1972 ele ficou com o amargo vice-campeonato, quando perdeu para a máquina rubro-negra do Vitória comandado por Osni, Mário Sérgio e André Catimba. O Bahia tinha a vantagem de jogar por dois resultados iguais, mas apanhou do Leão nos dois jogos. Aquele vice-campeonato inclusive foi momento-chave para a reformulação que culminou no hepta.

³ SOBERANOS! Conheça as maiores sequências de títulos nos estaduais Brasil afora. **Portal R7**, São Paulo, 12 maio 2016. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/futebol/fotos/soberanos-conheca-as-maiores-sequencias-de-titulos-nos-estaduais-brasil-afora-12052016#!/foto/4>>. Acesso em: 9 set. 2020.

No Campeonato Brasileiro de 1988, a Taça União, o Bahia deixou outro carioca pelo caminho na semifinal, assim como foi contra o Vasco em 1959. O tricolor bateu o Fluminense por 2x1 em uma Fonte Nova com 110.438 presentes, segundo ditam os números oficiais⁴.

Dali, foi enfrentar o Internacional, que tinha, assim como o Santos de 1959, um nome marcante na história da seleção brasileira: Taffarel defendia a meta do colorado que eliminou o seu maior rival, o Grêmio, na semifinal que ficou conhecida como o GreNal do século.

Mais uma vez, o Bahia não tinha nada a ver com os problemas, tampouco as glórias de seu adversário. Assim como fez no Maracanã em 1960, fez na sua Fonte Nova naquele 15 de fevereiro de 1989. Saiu atrás no placar, mas buscou a virada com Bobô. O camisa 8 fez valer o verso de Caetano e usou sua elegância sutil para cabecear o delicado cruzamento de Zé Carlos para empatar o jogo que começou com derrota por 1x0 ainda no primeiro. Depois disso, em bom baianês, *picour a porra*⁵ na bola depois de um pega pra capar no meio da área e decretou a virada e êxtase na Fonte.

A hora de levantar a Taça foi quatro dias mais tarde, em 19 de fevereiro, dentro de um Beira-Rio abarrotado com 79.598 torcedores⁶. Assim como no campeonato de 1959, era preciso segurar um empate para terminar campeão.

Dessa vez, não tinha Pelé do outro lado. Do lado de cá, tinha Ronaldo Passos espalmado todas as críticas que sofreu durante a carreira e, especialmente, naquele ano. Passou a vida taxado como um goleiro baixo demais para a posição. Naquele Brasileiro, diziam que estava velho demais, às vésperas de completar 30 anos. Sim, Ronaldo nasceu em 1959. E foi ele quem segurou o resultado. O Brasil era Bahia pela segunda vez.

Depois daquele ano, o Bahia ainda chegou perto de conquistar o título de 1990, com Charles voando, mas o tricolor parou no Corinthians de Neto, que usou sua perna esquerda calibrada para derrubar o Bahia, dono da melhor campanha daquele certame, na semifinal do campeonato. Em nível nacional, foi dali até o inferno — que na época era conhecido como Série C.

O Bahia não soube transformar a exposição proveniente do título nacional em uma boa estrutura e não parecia ligar muito para isso. Foi rebaixado para a Série B e só voltou à elite graças ao mesmo tapetão que tirou o Fluminense da Série C e levou direto à Série A. Na

⁴ RODRIGUES, Alan. Fonte Nova: Campanha de 1988 estabeleceu recorde de público no bi do Bahia. **Jornal CORREIO**, Salvador, 26 ago. 2010. <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fonte-nova-campanha-de-1988-estabeleceu-recorde-de-publico-no-bi-do-bahia/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

⁵ Expressão que serve para várias ocasiões. Em geral, significa bater com força em algo ou alguém. No caso, um chute muito forte na pelota.

⁶ ESPECIAL 1988. Esporte Clube Bahia, Salvador, [201-?]. Disponível em: <<https://www.esportecлубebahia.com.br/historia/especial-1988/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

manobra, foi criada a Copa João Havelange, o maior Brasileirão da história, mas não pela qualidade técnica e sim pelo montante de equipes que participou: 116 times. Tudo isso porque a Confederação Brasileira de Futebol foi proibida judicialmente de organizar o campeonato brasileiro.

A competição foi organizada pelo Clube dos 13 e precisou mudar de nome, mas foi reconhecida como Brasileirão no ano seguinte. O vencedor foi o Vasco, que eliminou o Bahia nas oitavas de final e avançou até bater o São Caetano no jogo decisivo, que também teve muita polêmica e um desastre por superlotação em São Januário.

O tapetão não sustentaria um Bahia tão caótico por muito tempo. Em 2003, o time caiu para a Série B. No ano seguinte, quase conseguiu o acesso, numa derrota dolorida para o Brasiense em plena Fonte Nova. A empreitada de subir em 2005 falhou miseravelmente: caiu para a Série C e por lá ficou até 2007. No meio do caminho, levou goleada do Ferroviário por 7x2 e o tão sonhado quanto miserável acesso poderia ter como memória mais dolorida o jogo contra o Fast Clube-AM, decidido com gol de Charles aos 50 minutos do segundo tempo, que permitiu ao Bahia a classificação ao octogonal final e o posterior acesso.

Contudo, o episódio mais trágico desse ano — e talvez da história do clube — não aconteceu exatamente nos gramados e teve gosto de sangue e morte. A Fonte Nova, aos seus 57 anos de vida, já não aguentava mais muita coisa. Ainda assim, o velho estádio deu tudo de si para alegrar a torcida do Bahia, mesmo em tempos tão nebulosos.

Os refletores balançavam com os pulos da torcida. O chão tremia. Enquanto está tudo certo, existe um romantismo por trás de tudo isso. O estádio chamado de “raiz” balançando lotado de gente em um jogo de Série C? Isso é futebol, meu velho. Havia, porém, uma tragédia para mudar completamente essa narrativa e a maneira de enxergá-la. Essa catástrofe ceifou as vidas de Márcia Santos Cruz, Jadson Celestino Araújo Silva, Milena Vasquez Palmeira, Djalma Lima Santos, Anísio Marques Neto, Midiã Andrade Santos e Joselito Lima Júnior.

No dia 25 de novembro de 2007, o Bahia recebeu o Vila Nova na Fonte Nova, precisando de um empate para subir à Série B, após dois anos disputando aquela que era a última divisão do futebol brasileiro àquela altura.

Segundo o borderô, 52.611 pagantes foram ao estádio, mas há de se contextualizar algumas coisas: criança de até 10 anos não pagava. Na pechincha, até criança de 12 anos conseguia entrar de graça. Além disso, havia o famoso xaréu: faltando 15 minutos para o encerramento do jogo, abriam-se os portões de saída e muita gente entrava para ver pelo menos os últimos minutos de peleja.

O Bahia lançou um uniforme especial para aquela ocasião. Um azul mais claro com detalhes em dourado que foi usado apenas no primeiro tempo por um motivo de superstição: no primeiro tempo, Nonato teve nos pés um pênalti para cobrar, mas desperdiçou o que seria o primeiro gol do tricolor. Até hoje, muito se especula o que teria acontecido se aquela bola entrasse. O fato é que a direção achou que o uniforme deu azar e o time voltou com a tradicional camisa branca, com calção azul e meiões vermelhos para a segunda etapa.

Perto do fim do jogo, a Fonte Nova já estava inflamada com os gritos de “Vamos pra Série B”. Meu tio, Robby Reis, tão ousado quanto embriagado, e frustrado por não conseguir ingresso para entrar, gritava que iríamos na verdade era para a Série A. No trajeto entre a ladeira da Fonte Nova e a dos Galés, já perto do final do jogo, surgiu o burburinho de que alguma coisa aconteceu dentro do estádio. A internet já existia, mas não era tão forte — tampouco tão veloz. A informação chegou pelas ondas da Rádio Sociedade da Bahia.

Alguns minutos passaram. Chegou a notícia de que a Fonte Nova caiu. Que história é essa?! Disseram que foi uma parte da arquibancada. Meu Deus do céu! Teve gente que morreu. Pedaco por pedaco, o quebra-cabeça da tragédia foi sendo montado. Robby estava desesperado porque seu filho mais velho, Magnun, havia conseguido entrar e não atendia às ligações. O desespero da minha família só se reduziu quando meu primo chegou ao barzinho onde ficávamos com um pedaco gigante da grama e um sorriso de ponta a ponta. Ele invadiu o gramado quando o jogo acabou. Não fazia ideia do que tinha acontecido além do fim do pesadelo chamado Série C.

O tormento do Bahia, no entanto, seguiu. E assombra o clube muito menos do que deveria, inclusive. Só em 2020, ao inaugurar o Centro de Treinamento Evaristo de Macedo, o clube prestou uma homenagem permanente às vítimas: um busto foi erguido com um pedaco dos escombros da antiga — e verdadeira — Fonte Nova, implodida em 2010 para a construção da Arena, que carrega consigo pouca coisa além do apelido do velho Octávio Mangabeira.

Desde então, pouca coisa se resolveu e nenhum culpado foi apontado pela justiça neste que é o capítulo mais triste do Bahia — e, se minha opinião importa, a segunda maior do futebol brasileiro, superada apenas pela tragédia do Ninho do Urubu, que resultou na morte de dez garotos das divisões de base do Flamengo em 8 de fevereiro de 2019.

Em campo, o time subiu. Aquele empate foi suficiente. Depois penou mais três anos na Série B até conseguir retornar para a elite com o terceiro lugar na edição do Brasileiro de 2010. Em 2012, encerrou uma seca de dez anos sem títulos, ao vencer o Campeonato Baiano. Campeão Baiano. Foi, contudo, em 2013 que o Bahia ganhou o seu troféu mais importante

desde 1988: uma intervenção judicial foi imposta ao clube e depôs o então presidente Marcelo Guimarães Filho.

Uma auditoria foi instaurada e descobriu que o clube tinha uma dívida de aproximadamente R\$ 83 milhões, sendo R\$ 20 milhões desse montante contraídos nos seis meses anteriores à publicação do documento, em 2013, e envolvia negócios entre empresas e familiares de Marcelo Guimarães Filho e o Bahia. Um trabalho investigativo do autor do prefácio deste trabalho teve participação decisiva. O Bahia deve um monte a André Uzêda.

Como consequência da intervenção, o clube iniciou uma revolução democrática. Qualquer torcedor passou a poder se associar mediante o pagamento de valores simbólicos e, no final daquele ano, houve uma eleição em que o colégio eleitoral eram os sócios do clube. O povo podia votar no presidente do Bahia. Fernando Schmidt, que já tinha cumprido mandato no cargo mais alto do clube — atrás da torcida —, entre 1975 e 1979, foi eleito para o mandato tampão até o final de 2014, quando novas eleições foram convocadas e Marcelo Sant’Ana se elegeu para o triênio 2015-2017.

No mandato de Marcelo, o Bahia conseguiu escapar da Série B, em 2016, e voltou a ser campeão do Nordeste depois de 15 anos de hiato, ao bater o Sport, na Fonte Nova, por 1x0, no dia 24 de maio de 2017. Sant’Ana liderou uma gestão que equilibrou as contas do clube, devolveu ao Bahia uma certa credibilidade no mercado e deu os primeiros passos na busca por um modelo de associação em massa, que chega a seu ápice histórico nas mãos de Guilherme Bellintani, sucessor de Marcelo ao vencer as eleições de 2017.

Em 2020, o Bahia chegou a registrar um total de 45 mil sócios. A meta, contudo, era bater 50 mil no mesmo ano, quando projetou um orçamento para quase R\$ 200 milhões⁷, o que não foi possível alcançar por conta dos impactos da pandemia do novo coronavírus⁸. Em 2015, o balanço divulgado pelo Bahia em sua seção de transparência aponta que a receita do clube foi de aproximadamente R\$ 90 milhões⁹. Em 2018, foram quase R\$ 180 milhões —

⁷ PEREIRA, Thiago. Bahia apresenta orçamento para 2020: meta de 50 mil sócios e R\$ 30 milhões em venda de jogadores. **Globo Esporte**: Bahia, Salvador, 16 dez. 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-apresenta-orcamento-para-2020-meta-de-50-mil-socios-e-r-30-milhoes-em-venda-de-jogadores.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2020.

⁸ RODRIGUES, Gabriel. Bahia tem queda de receita de quase R\$ 10 milhões durante pandemia. **Jornal CORREIO**, Salvador, 2 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-tem-queda-de-receita-de-quase-r-10-milhoes-durante-pandemia/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

⁹ QUEIROZ, Bruno. Orçamento no Bahia aumentará 57% em relação à temporada 2015. **Jornal CORREIO**, Salvador, 25 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/orcamento-no-bahia-aumentara-57-em-relacao-a-temporada-2015/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

valores inéditos para o futebol do Nordeste. O time voltou a crescer, ainda que sofrendo uma série de reveses que só fazem sentido porque o futebol é esse bicho imprevisível¹⁰.

A evolução não aconteceu apenas nos cofres. Fora de campo, o Bahia passou a investir em ações afirmativas e na popularização de seu plano de sócios para que o torcedor mais pobre pudesse voltar a frequentar os estádios, já gentrificados pela política de “arenização” que se instaurou no país por conta da Copa do Mundo de 2014.

Além de olhar para o seu torcedor e entrar em uma briga envolvendo causas sociais como a luta contra racismo, machismo, homofobia e demarcação das terras indígenas, o Bahia também começou um trabalho de preservação da própria memória. Durante a auditoria de 2013, o jornal *Correio*¹¹ encontrou as taças de 1959 e 1988 jogadas em um saco de lixo dentro de uma sala que funcionava como sede administrativa do Bahia naquela época. Os troféus já davam sinais de ferrugem.

Era uma obrigação do clube voltar aos trilhos de sua própria história e as últimas diretorias buscaram isso em ações como a construção do museu do clube, iniciativas de *marketing* como o Bahia na História, quadro que circula no programa de rádio diário do clube e, principalmente, com o programa Dignidade aos Ídolos — uma das iniciativas que motiva a construção deste projeto.

É difícil imaginar que um clube que viveu esse tanto de coisas tristes já foi um dos maiores do país. E quando falo em maior, falo em ano a ano mesmo. Sempre endurecendo ou aparecendo em fases finais de Brasileiro. Ou ao menos tendo uma hegemonia absurda, a ponto de conquistar oito dos dez títulos possíveis na década de 1970. Sete deles de forma invicta e com participação direta de Baiaco, volante que foi — e ainda é — um dos quatro únicos atletas na história do futebol brasileiro a conseguir um heptacampeonato estadual. E numa época em que esse campeonato era muito valorizado.

Quando Baiaco chegou ao Bahia em 1969, o primeiro campeonato brasileiro de futebol estava para completar dez anos. A extinta Taça Brasil, disputada por campeões e vices

¹⁰ Entre 2018 e 2020, o Bahia colecionou alguns fracassos célebres: derrota para o Sampaio Corrêa na final do Nordeste em 2018, seguido de uma eliminação em primeira fase no mesmo torneio do ano seguinte. Em 2020, caiu para o Ceará, mesmo jogando as duas finais dentro de Salvador e em um dos estádios que usa como sua casa, o Pituaçu. Somado a isso, também houve eliminação precoce na Sul-Americana em 2019 (primeira fase contra o Liverpool-URU) e Copa do Brasil de 2020 (também primeira fase, contra o River-PI). Além de ter figurado na lanterna do Campeonato Brasileiro de 2020, coisa que ocorrera pela última vez em 2014 — quando o clube foi rebaixado.

¹¹ PALMA, Miro. Troféus de 59 e 88 do Bahia são achados em sacos de lixo, largados em sala. **Jornal CORREIO**, Salvador, 19 set. 2013. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trofeus-de-59-e-88-do-bahia-sao-achados-em-sacos-de-lixo-largados-em-sala/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

dos campeonatos estaduais foi disputada pela primeira vez em 1959 e teve o Bahia como campeão, superando o Santos de Pelé, Coutinho e tantos outros craques. Em 1971, apenas times do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná e Pernambuco disputavam a Campeonato Brasileiro. Isso não quer dizer, entretanto, que apenas nesses estados se jogava futebol — muito pelo contrário. Sem um nacional, restavam os estaduais. E aí você já pode perceber a importância desse torneio naquela época.

Neste livro, procuramos casos de um homem que dentro de campo chegava junto em quem quer que fosse. Nem Pelé escapou da força de Baiaco para marcar seus adversários. Só que fora de campo a personalidade era completamente distinta. O futebol e sua capacidade de mudar as pessoas. Como um cara de tanta velocidade, gana e raciocínio ágil pode conviver com um homem de personalidade pacata, calada, completamente avessa a holofotes? Só o futebol explica.

2 Dignidade aos Ídolos

Em vigor desde 2018, o programa foi promessa de campanha da chapa encabeçada por Guilherme Bellintani e Vitor Ferraz, vencedores do pleito responsável por dirigir o Bahia entre janeiro de 2018 e dezembro de 2020.

Aprovado pelo conselho deliberativo do clube, o projeto destina 0,31% do orçamento anual do Bahia para auxiliar financeiramente ídolos do clube que se encontram em dificuldade e situação de vulnerabilidade social. Os valores do auxílio variam de um a três salários mínimos, a depender a condição de cada ídolo, que é avaliada por uma comissão julgadora formada por cinco membros indicados pelo clube.

Em 2018, o Bahia teve aproximadamente R\$ 120 milhões de orçamento, ou seja, cerca de R\$ 372 mil ficariam disponíveis para o programa. Os primeiros cinco beneficiados foram Jorge Campos, Alberto Leguelé, Zanata, Mailson e Naldinho. O custo mensal para o clube girava, na época, em torno de R\$ 7,5 mil.

São iniciativas que o Bahia tomou para tentar correr atrás, de alguma forma, de tornar sua história acessível. Sem memória, não há Bahia. Sem seus ídolos preservados e com o mínimo de dignidade que seja, o futebol não vale a pena. O próprio Baiaco é um nome muito lembrado pela torcida e que, volta e meia, aparece nas listas de maiores jogadores da história do clube. Mas um nome sem história não é nada. E quanto mais o tempo passa, mais essas pessoas ficam sujeitas ao esquecimento.

É papel do clube, imprensa e até torcedores e seus influenciadores resgatarem as histórias dessas pessoas que fizeram o clube ser o que é. Eu mesmo, provavelmente, não resistiria ao assédio — e massacres — do rival nos anos 2000 se não soubesse da bonita história do clube. Quantos torcedores não se mantiveram firmes e ao lado do Bahia por conta de nomes como Baiaco, Sapatão, Fito, Jorge Campos, Leguelé e tantos outros? A história não tem preço. Salva vidas, inspira gerações e é o principal combustível para que boas mudanças aconteçam. Que seja preservada.

3 Filho de dona Lealdina, alma de São Francisco do Conde

Baiaco nasceu no mesmo ano da morte de Mahatma Gandhi, pacifista responsável por liderar os indianos na busca por sua independência da Inglaterra. Para ele, provavelmente isso pouco importa. Os vínculos de Edvaldo estão enraizados em sua terra, nos seus costumes, nas suas pessoas. Talvez importe muito mais a ele saber que três anos antes de ver o mundo pela primeira vez com o olhar confuso, inerente aos recém-nascidos, era realizado pela terceira vez o Campeonato Intermunicipal da Bahia. O torneio, o mais antigo de futebol amador de todo o estado, até hoje revela jogadores, ainda que indiretamente, para os principais clubes da Bahia. Hoje lateral direito do Vitória, Van foi campeão com a seleção de Cachoeira em 2014, fazendo até gol na final.

Edvaldo dos Santos é o segundo filho entre os oito irmãos. O curioso é que ele não nasceu em São Francisco e sim em Salvador, no bairro da Liberdade — de onde eram os seus pais: o doqueiro Paulo Manoel dos Santos e a vendedora de cocada Lealdina Xavier dos Santos. Seus pais eram separados, ou “meu pai era largado de minha mãe”, como o próprio Baiaco definiu a relação entre seus responsáveis para o jornalista Bob Fernandes (2003).

Dona Lealdina forjou com o próprio suor as quatro primeiras letras de seu nome para cuidar de suas crias. O sustento vinha da venda de cocadas em São Francisco do Conde. Para dar conta de botar o que comer na mesa para todo mundo, a meninada também precisava ir para a rua ajudar a vender as cocadas pela cidade. Edvaldo nunca foi muito chegado ao seu ofício, por carregar consigo uma timidez tão simbiótica quanto o carinho que tinha por aquele lugar. À época, sequer devia ter se dado conta disso, mas com certeza era assim.

Preferia mil vezes ser criança. Mais ainda, tinha uma forte predileção por ser fominha de bola. Até por isso, volta e meia, largava o tabuleiro de cocadas e se picava para pegar qualquer baba que encontrasse pela frente. Jamais seria raro encontrar gente jogando bola no meio da rua ou nas areias das praias que São Francisco oferece. Orla, rua, praia, mangue. Pouco importava desde que desse para chutar a bola por aí.

O expediente de Baiaco tinha roteiro quase certo: pegava o tabuleiro em casa e saía pra vender. Bastava, porém, ver algum barzinho que abandonava os quitutes por lá e saía para jogar bola. Quando o baba acabava, retornava para ver o tabuleiro vazio após os sucessivos saques dos bebuns que por ali estavam. A volta para casa era melancólica por não ter o dinheiro no bolso. A mãe bradava que ele ia dar para vagabundo, que retrucava garantindo que um dia lhe compraria uma casa. Como se diz na Bahia: ousadia (leia ózádía) e verme todo mundo tem. Baiaco tinha tudo isso e fome de bola.

A escola também não lhe recebia com muito apreço. Juntando seu desgosto pelas salas de aula com a tentação da bola, que sempre rolava em algum lugar, estava pronta a fórmula do abandono escolar. Edvaldo sequer concluiu o ensino primário — largou de mão na segunda série porque a bola não deixava. Sempre aparecia um ou outro convidando-o para jogar bola apostado; volta e meia, conseguia até tirar uma grana com isso.

Contudo, mesmo fazendo algum dinheiro com os babas e apostas por aí, a negligência de Baiaco com o ofício de vendedor poderia causar problemas na renda da família, que já não era das maiores. São Francisco do Conde fazia o papel de alimentá-lo por diversas vezes: era de suas águas que ele e os irmãos buscavam peixes, siris e caranguejos para matar a fome dentro de casa.

A avó de Baiaco, dona Masulina, logo percebeu que o menino tímido e introvertido se estressava com facilidade, fosse pelas broncas que recebia, fosse por perder jogos. Vários eram os fatores possíveis de tirá-lo do sério. Ficava todo inchado, ou pegava ar, como se diz em bom baianês. A vida rodeada pelo mar deu a ideia certa: Edvaldo parecia um baiacu. Apelido, para pegar, costuma depender da desaprovação do alvo. Se ele não gostar e demonstrar esse descontentamento, é certo que vai ficar. Ainda mais em um lugar cheio de alma sebossa, no bom sentido, e espalhada como na Bahia. O menino Edvaldo, com inchaço e tudo, virou Baiacu. Não tinha jeito.

Outra coisa que não tinha jeito era o amor de Baiacu por sua cidade. Sim, ele nasceu em Salvador, mas pertence a São Francisco do Conde. Nada mudou isso: o título da segunda divisão do Baiano, os diversos campeonatos intermunicipais, as jornadas com o Bahia por todo o Brasil, o apartamento que ganhou na Pituba, bairro nobre da capital baiana, o assédio da imprensa, o desejo do Vasco em levá-lo para o Rio de Janeiro. Nada no mundo conseguiu encher os olhos do atleta a tal ponto que o fizesse largar sua cidade.

A mudança de Baiacu para Baiaco veio por causa do futebol. Um de seus treinadores na infância falou que aquele apelido era muito feio. Não era nome de jogador de bola e era

muito estranho. Decidiu então fazer uma mudança sutil, trocando a última vogal de “u” para “o”. E assim nasceu Baiaco.

Há quem diga que essa mudança é decorrente do espírito de quinta série que floresce em cada baiano ao ouvir qualquer palavra terminada com a última vogal do alfabeto. Para evitar as rimas engraçadinhas, em Salvador e região, palavras como “peru” se tornam “pérus” ou “perívis”. Não será estranho se algum governante ou vereador propor que o sufixo -íves se torne patrimônio imaterial da Bahia. Uma das várias histórias sobre Baiaco não podia escapar desse folclore tão tipicamente soteropolitano.

Há outras versões sobre a mudança do apelido. O jornalista Elton Serra (2014) contou que foi o também jornalista França Teixeira quem mudou a alcunha de Edvaldo e até hoje nem ele mesmo sabe a motivação do acontecimento. O fato é que mudou e caiu na boca do povo. Ficou eternizado.

Quando jogava no clube, Baiaco deixava seu irmão avisado sobre todos os seus horários para que lhe fosse buscar em qualquer que fosse o local onde o time treinava — no antigo centro de treinamento, a Fazendinha, na sede de praia, na orla, no campo de Cajazeiras, mais à frente até no próprio Fazendão, centro de treinamento onde o clube viveu até o início de 2020, quando se mudou para a Cidade Tricolor, em Dias D’Ávila. Se Baiaco fosse jogador atualmente, seria até melhor pra ele: Dias D’Ávila está no caminho para São Francisco. E, quando não era o irmão, era o motorista Edvaldo quem pilotava o carro. Baiaco não dirigia, mas adorava automóveis e curtiá-los anualmente.

Quando tinha notícia de treinos físicos, a vontade de ir para casa era ainda maior. Baiaco não fazia muita cerimônia para dar migué quando não tinha atividade com bola nos treinamentos. Preferia manter sua condição física nos campos e areias das peladas de São Francisco. Era uma ideia muito mais sedutora.

Apesar de ser Galícia, muito por conta do fato de seu pai ter sido atleta do clube da colônia galega, abandonar o Bahia também era uma coisa que não soava muito bem aos ouvidos de Baiaco. Ele teve propostas para sair em direção ao “eixo”: propostas de Ponte Preta, Guarani e Vasco chegaram até o velho atleta, mas ele recusou para não deixar o Bahia na mão e também para ficar perto de sua cidade.

Ele dizia que até deixaria o Bahia se viesse uma proposta muito volumosa. A dúvida é saber qual é o valor que pagaria uma distância de sua terra. No final das contas, parecia sempre que nem ele sabia o quanto era necessário pagar para isso acontecer.

Baiaco não era de perder noite nem de andar em muita farra. Não fumava, não bebia e ia pra cama às 19h no máximo, principalmente em véspera de jogo. Ele sempre foi muito

furtivo e escapava até de celebrações dentro do elenco do Bahia, que costumava andar de bonde pelas ruas de Salvador. Por outro lado, gostava de biscoito, refrigerante, moqueca e era avesso a restrições alimentares.

Mesmo assim, não há registros de que tivesse eventuais problemas com peso e o pulmão era algo sobrenatural. A força dele dentro de campo era inversamente proporcional aos seus 1,62 m de altura. A sua cidade era o seu alimento.

Figura 1 – Baiaco, em 2011, ao lado de... Baiaco. Morador de Paramirim, no sertão baiano, Clécio (esq.) foi apelidado de Baiaco pelo próprio pai que era fã do volante tricolor. O destino tratou de juntar os dois para um amistoso entre a seleção de Máster da Bahia contra a equipe de Paramirim



Fonte: Blog Comentando Futebol¹²

Em 1977, Orlando Fantoni treinava o Vasco da Gama. No ano anterior, foi o treinador que comandou o Bahia na campanha do tetracampeonato estadual. Ao chegar em São Januário, pediu aos dirigentes cruzmaltinos que não medissem esforços para tirar o frente de zaga da Bahia.

Baiaco nunca foi muito ligado em suas renovações de contrato. Talvez pelo pouco estudo, talvez por estar mais preocupado em jogar bola do que ganhar dinheiro. Sua mãe,

¹² VOCÊ conhece Baiaco?, Blog **Comentando Futebol**, [S.l.], 20 set. 2011. Disponível em: <<http://focadoemvocefutebol.blogspot.com/2011/09/voce-conhece-baiaco.html>> Acesso em: 15 ago. 2020.

contudo, tomava as rédeas das coisas e era a responsável por negociar suas renovações de vínculo. Por um tempo, conseguiu que Baiaco fosse o mais bem pago do tricolor.

Ele lamenta que, na época dele, as coisas não funcionavam como hoje em dia, que, nas palavras dele, “qualquer bolinha já rende R\$ 50 mil”. Além de sua mãe, a outra pessoa responsável por cuidar de seus contratos era o falecido João Silva, um contador.

Não era a primeira vez que o Vasco crescia os olhos para o futebol de Baiaco. Em 1973, o clube carioca estava disposto a envolver Tostão no negócio para levá-lo. O tricampeão mundial já sofria com um problema que quase o tirou da Copa de 1970. Um ano antes do mundial, levou uma bolada no olho esquerdo durante um amistoso do Cruzeiro, time onde é ídolo, contra o Millionarios, da Colômbia. No ano seguinte, contra o Corinthians, levou outra bolada no mesmo local — que acarretou em um descolamento de retina.

O tratamento intensivo conseguiu segurar as pontas do craque durante mais dois anos. A participação dele como um dos primeiros “falso 9” que se tem registro foi fundamental para o escrete de 1970. Tostão fluava no meio dos zagueiros e criava espaço para Pelé, Jairzinho e Rivellino se projetarem às suas costas. Contudo, o tratamento, ainda que intensivo, não conseguiu barrar a aposentadoria precoce do jogador, que pendurou as chuteiras em 1973, jogando pelo Vasco.

Com o tricampeão ou sem ele, seria uma missão ingrata tirar Baiaco do Bahia. Antes de qualquer coisa porque não há como levar São Francisco do Conde na bagagem e abandonar sua vida, bem como a possibilidade de estar em sua casa sempre que quisesse, era algo muito custoso para Edvaldo. Ele até podia falar para um ou outro que iria para o Rio, caso aparecesse uma proposta fora da curva, mas quem conhece os causos e a relação dele com sua terra sabe que isso é algo improvável. É tanto que até hoje ele mora em São Francisco.

Mais do que isso, é uma atração turística e motivo de orgulho para a cidade. E vive como qualquer outro cidadão de lá. É possível vê-lo jogando dominó na praça e observando os babas que ainda acontecem por lá. Houve tempo em que ele trabalhou praticamente como zelador do estádio Junqueira Ayres, que tem sua estátua logo na entrada. Cuidava do gramado e ficava circulando pelo local com a pacatez de uma lenda que não liga muito para esse *status*.

Na verdade, Baiaco sempre quis foi jogar sua bola, ganhar jogos e levar sua vida numa boa. Perto de gente que ele ama, respirando o ar que conhece cada uma das partículas e cada curva que faz. O baiacu deixa de ficar inchado quando está fora de perigo, vivendo no seu lugar.

4 O maior que já vi

Gilmar Marcelino já viu muita coisa na Fonte Nova. Mesmo enquanto o estádio se reerguia após a tragédia que ceifou a vida de sete tricolores em 2007, na partida contra o Vila Nova pela Série C, o sexagenário taxista não abandonou o Bahia.

Sempre que possível, ia até Feira de Santana, já que o time mandou seus jogos, no primeiro ano sem a Fonte Nova, no estádio Joia da Princesa, a mais de 100 km da capital. Um ano depois, foi um dos vários pais e mães que adotaram o estádio de Pituaçu. Equipamento este que acolheu o Bahia por quatro anos e segurou a barra de um clube que não fechou as portas pelo milagre da intervenção judicial imposta ao tricolor em 2013, justamente no ano em que o Bahia retornara à Fonte Nova, já com *status* de arena e prenome de cervejaria.

Nos dias que correm, quando se fala em Bahia, não é incomum defini-lo como um clube em reconstrução. Ora, pela ordem lógica, óbvia e anticlímax dos fatos, só é possível reconstruir algo que já foi construído em algum momento da história. Genial, não? E verdadeiro. Ao menos segundo Gilmar Marcelino, que afirma ter vivido dias em que o Bahia era o time a ser batido.

Já era nascido quando o Bahia venceu o primeiro título nacional, mas suas lembranças, as felizes, mais vivas são o título de 1988 e o heptacampeonato baiano conquistado na década de 1970, que ficou na história como a década de Ouro do Bahia. Baiaco foi um dos únicos que participaram de todas as campanhas: 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979.

Alguns minutos conversando com Gilmar bastam para perceber um certo brilho nos olhos quando se refere ao volante, que conheceu pessoalmente em suas andanças por São Francisco do Conde. Em meio aos elogios, o que mais se destaca é quando fala sobre a lealdade do velho camisa 5 quando estava dentro de campo. Baiaco era tão implacável quanto limpo. Jogava na bola, não gostava de bater em ninguém, mas tinha quase uma tara por tomar a pelota dos pés de quem quer que fosse o adversário.

Dentro de campo, era como se ele vivesse um jogo só seu. Feito Mario Bros, ele mergulhava, corria, brigava e escalava pela princesa que rolava pelo campo. Depois de conseguir o que queria, Baiaco compartilhava seu troféu com os colegas de meio-campo e estes, longe do universo lúdico, voltavam a jogar futebol.

Baiaco tinha uma qualidade impressionante que era marcar sem fazer falta. Um cara simples, humilde, de pouca conversa. Um médio volante que nunca foi expulso. Não lembro mesmo. Na época nem existia cartão, o juiz convidava o cidadão a se retirar de campo. Quando tinha porrada nos famosos Ba-Vi era quem não se envolvia. E não sabia apenas destruir jogadas. Mais do que isso, Baiaco sabia construir o jogo — ou, pelo menos, preparar o terreno para os meias criarem. Teve a sorte de jogar com grandes meias esquerdas. Tomava a bola e passava [...].

Conta o taxista que conhece o ex-atleta pessoalmente graças aos Torneios Intermunicipais nos quais participa gerindo a seleção da cidade de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador.

Essa avaliação de que Baiaco sabia o jogo não é exclusiva da torcida. Um outro heptacampeão estadual naquele Bahia da década de 1970 também compartilha dessa ideia. Douglas Franklin é o segundo maior artilheiro da história do Bahia com 211 gols. É tido por muita gente como o melhor jogador da história do clube e não é por acaso: formado no Santos, jogou no esquadrão capitaneado por Pelé e gostava de jogar na mesma faixa de campo que o Rei, apesar de se sentir à vontade para jogar em qualquer lugar do meio pra frente. Ainda hoje, ele é o 30º maior artilheiro da história do time da Vila com 77 gols. Isso jogando como reserva ou “fora de posição”.

Douglas chegou ao Bahia de última hora: já tinha tudo certo para se transferir para o América-RJ. No último instante, foi convencido a trocar a cidade maravilhosa pela capital baiana, decisão que salvaria sua vida: o avião “Samurai”, modelo NAMC YS-11¹³, da Vasp, que o levaria para o Rio de Janeiro, colidiu com a serra de Maria Comprida, em Petrópolis, no dia 12 de abril de 1972. Todos os 25 ocupantes morreram.

Quando Douglas chegou a Salvador, Baiaco já estava prestes a completar três anos de Bahia. Ele conta que o colega de meio-campo não gostava de treinar, o que causava

¹³ Ao repórter Gabriel Rodrigues, do jornal *Correio*, em 2019, Douglas falou uma frase que repetiu aos montes durante sua vida: “O Bahia salvou minha vida”. Ao lado de Sapatão, Baiaco e Fito, ele integra a lista de heptacampeões baianos em uma campanha que chegou a ter título invicto e séries de mais de 30 jogos de invencibilidade. Para saber mais sobre a história do hepta, leia *A década de ouro*, do jornalista Elton Serra.

estranhamento de início e irritava alguns treinadores que chegavam ao clube. Baiaco era sempre bancado pelos jogadores, como Douglas, um líder nato, que avisa: “*deixa o homem jogar. Quando for pra valer ele resolve.*” E resolvia.

Douglas conta que Baiaco tinha uma velocidade de raciocínio descomunal e que isso ajudava muito na fluidez do time. Ele antecipava muito bem as jogadas e tornava a vida dos atacantes adversários muito difícil. Além disso, tinha um bom passe e era fundamental para começar a construir jogadas ofensivas. Baiaco não era um volante cabeça de bagre, aqueles que só conseguem marcar e não sabem o que fazer com a bola. Isso é até uma ofensa para um homem que fazia sucesso nos babas pelas areias de São Francisco do Conde. Dominada por Baiaco, a bola era senhora, e não você. O que ele não gostava mesmo era de fazer gol, mas teve contribuições importantes e chegou a marcar inclusive em final.

O ano era 1978 e o Bahia chegou à decisão contra o Leônico após vencer os dois turnos do Campeonato Baiano. No primeiro jogo, Ricardo e Douglas abriram 2x0 para o Bahia. Isso deixaria o tricolor com a mão na taça, mas Chiquinho e Tinteiro balançaram a rede para o Leônico e o jogo acabou empatado em dois gols. Era preciso vencer na volta e Baiaco apareceu para mostrar que quem disputa Intermunicipal não treme em lugar nenhum. O Leônico saiu na frente, mas Baiaco fez o gol de empate antes de Merica, que substituiu Douglas, entrar em campo e consumir a virada; e o hexa.

Douglas é uma das poucas pessoas com quem Baiaco se lembra de ter se desentendido na vida. Ele nunca foi um grande marcador, gostava de dar seus passes e colocar a bola dentro da caixinha, ou seja, Baiaco precisava se desdobrar para fazer a sua função e a que entendia que era de seu velho amigo.

Certo dia na Fonte Nova — e Baiaco acredita que tenha sido contra o Vitória — ele se esguelava mandando o craque marcar. E ele não atendia a solicitação. Na descida do túnel, após o fim do primeiro tempo, ele deu um enquadro no artilheiro e aí o couro comeu. Uma das raras brigas de Baiaco foi justamente com um de seus melhores amigos — um vínculo que se mantém vivo até hoje.

O Campeonato Intermunicipal da Bahia é o maior e mais antigo torneio de futebol amador do estado. Desde o ano de 1946, as pelepas disputadas exclusivamente entre municípios do interior mobilizam caravanas, equipes e até revelam jogadores. Baiaco, como era de costume anos atrás, deu seus primeiros passos na seleção de São Francisco do Conde antes de se juntar ao Internacional de São Francisco para disputar a segunda divisão do Campeonato Baiano.

O próprio Baiaco não sabe precisar o ano em que chegou ao clube, mas isso aconteceu no final da década de 1960. Há registros que apontam que ele chegou em 1967, mas há quem diga que chegou em 1968.

O fato é que o primeiro contato de dirigentes do Bahia com o volante foi na final da segundona, quando o Internacional de São Francisco do Conde enfrentou o Redenção Futebol Clube em final disputada no extinto Campo da Graça, em Salvador. O Inter de São Francisco acabou campeão e os dirigentes do Bahia gostaram do futebol de um rapaz franzino que parecia incansável. Ele tinha que vir para Salvador.

Diretor do clube na época, Paulo Maracajá não esperava encontrar tantas dificuldades para convencer aquele moleque a ir para o Bahia. Depois de emendar um pentacampeonato baiano entre 1958 e 1962, o clube passou por dificuldades para se impor no estado durante o restante da década de 1960. O título de 1967 foi o único que conquistou depois de se consagrar pentacampeão. Baiaco só foi virar titular do Bahia em 1969, quando o tricolor foi vice-campeão para o Fluminense de Feira, que já tinha conquistado o título baiano em cima do tricolor da capital seis anos antes.

O próprio Baiaco revela que Maracajá se deparou com ele jogando bola na lama, pelos mangues de sua cidade natal. Depois de vencer a série B do Baiano, ele não queria mais saber de bola como profissional. Só queria se divertir perto de casa, pescar um pouco e ajudar sua família do jeito que fosse possível.

Profissional? Que nada. Sair de São Francisco?! Nem pensar! A possibilidade de passar dias a fio longe de casa aterrorizava Baiaco. Tudo em sua vida era ligado à cidade. Seu gosto por jogar bola, seus amigos, sua vida e até o seu apelido. Seu grande sonho até então era dar uma casa nova para sua mãe.

Por mais que tentasse convencê-lo, Maracajá não conseguia fazer com que Baiaco topasse se juntar aos tricolores na Fazendinha, centro de treinamento do Bahia que ficava na região do Costa Azul, que, àquela época, era toda englobada pelo bairro do Stiep, existente até os dias de hoje, mas com novas subdivisões em seu território.

Depois de muito aperto de mente, expressão que, em tradução livre, significa “insistência”, Baiaco acabou cedendo. O garoto só impôs uma condição para aceitar o convite: o Bahia tinha que levar o atacante Caetano, seu amigo do peito. Sem ele não tinha negócio certo. O Maracajá aceitou de bate-pronto.

Figura 2 – Baiaco posa em frente ao estádio Junqueira Ayres, em São Francisco do Conde, em 2012.

Ídolo da cidade, ex-jogador treinou a seleção local para o Intermunicipal daquele ano e tem uma estátua erguida em sua homenagem no mesmo local.



Fonte: Ascom/Prefeitura de São Francisco do Conde¹⁴

5 Alguém me tira daqui

Depois de ter o convite aceito, o Bahia rapidamente se mexeu para comprar o passe de Baiaco. Naquela época, o jogador pertencia ao clube, e só podia fazer qualquer negócio se o detentor de seu passe quisesse. Hoje em dia, é um pouco diferente e os atletas têm um pouco mais de autonomia sobre as próprias carreiras.

Foi essa detenção de direitos que fez com que Baiaco não largasse o Bahia um pouco depois de chegar ao time. Isso porque o técnico Freitas Solich deu um chá de banco de reservas, que, para Baiaco, durou uma eternidade. Pior ainda foi ver Caetano tendo oportunidades para jogar e deixando seus golzinhos na Taça Roberto Gomes Pedrosa, torneio que sucedeu a Taça Brasil e antecedeu o Campeonato Baiano de 1969.

De saco cheio com a suplência, Baiaco chegou a confidenciar que ia largar mão do futebol, mas foi alertado por Caetano que o Bahia já tinha comprado seu passe e que por conta disso ele tinha que esperar. Pediu paciência, assim como o treinador da época, que prometeu que a hora do volante ser titular chegaria.

Eram tempos diferentes no futebol. Um jogador reserva sequer podia entrar no decorrer do campo. A Fifa só implantou a regra da substituição na Copa de 1970, um ano antes de Baiaco chegar ao Bahia. Caso um jogador ficasse machucado, o treinador optava ou por mantê-lo em campo apenas para fazer número ou tirava, ficando com um a menos pelo resto da partida.

Técnico da seleção brasileira bicampeã do mundo em 1962, Aymoré Moreira passou por maus bocados quando seu principal jogador sentiu uma lesão logo no primeiro jogo da Copa, contra Tchecoslováquia. O Rei Pelé sofrera um estiramento e até continuou em campo

¹⁴ BAIACO é integrado à comissão técnica do São F. do Conde. Portal oficial da Federação Bahiana de Futebol (FBF), Salvador, 26 jul. 2012. Disponível em: <http://www.fbf.org.br/intermunicipal/index.php?menu=noticias&id=290&num_pag=77&qtd_pag10>. Acesso em: 15 ago. 2020.

para não deixar o Brasil com dez em plena estreia, mas depois dali não jogou mais nenhuma partida, dando lugar a Amarildo, ponta-esquerda colega de Garrincha no Botafogo.

Pelé ficou de fora de todo o restante daquela Copa disputada no Chile. A sorte de Aymoré, e de toda a Canarinho, era que um inspirado — e apaixonado — Mané Garrincha tinha feito uma promessa à sua futura esposa, Elza Soares: o bicampeonato. Carregando o time nas costas o eterno ponta-direita cumpriu sua palavra.

Na Bahia, às vésperas da Copa de 1970, Baiaco seguia buscando seu espaço. Chegou a ser escalado por Solich em diversas outras posições no campo. Lateral-direito, ponta direita e ponta de lança, uma espécie de segundo atacante nos dias atuais. A oportunidade na volância só veio quando o dono da posição, Amorim, inventou uma peripécia e precisou ser sacado do time com urgência.

Fugir da concentração não era uma prática incomum para os boleiros até bem pouco tempo. Ficar enclausurado às vésperas de partidas, até as menos importantes, em plena Salvador na década de 1960, com certeza era um martírio não indicado nem ao seu pior inimigo, caro leitor. Com o claro e singelo objetivo de tomar uma na cidade, Amorim pegou seu carro e basicamente se picou, expressão que, em tradução livre, significa que ele se mandou. Na volta, depois de tomar umas, expressão que em tradução livre significa que ele bebeu, acabou batendo o carro. Nas palavras de Baiaco¹⁵, Amorim quebrou a cara toda. Foi assim que ele virou titular.

Figura 3 – Em 1971, Baiaco iniciou a sua série de sete títulos estaduais. Na imagem, o jovem Baiaco é o segundo jogador agachado da esquerda para direita.



Fonte: Site oficial E. C. Bahia.

6 Os causos

Falar de Baiaco também tem muito a ver com folclore. Histórias reais, histórias inventadas por puro estigma e aproveitando o coração tranquilo de Edvaldo. Existem muitas lendas envolvendo o nome de Baiaco. Vamos a algumas delas.

Uma das mais conhecidas é a de que ele supostamente afirmou a um radialista que “*comigo ou sem migo, o Bahia ganha...*”, às vésperas de algum Ba-Vi lá por 1973. Baiaco desmente essa história e diz que nunca falou isso. O craque também leva essas sacanagens na esportiva, muito tranquilamente. A história de que ele passava a primeira marcha e saía do carro é creditada ao “*discardo*” do Beijoca, como ele mesmo diz. Baiaco diz que gostava e ficava alegre com as gozações.

No mesmo dia em que ele e Caetano chegaram ao Bahia, um outro garoto também começava a sua trajetória no clube. Torcedor do clube doente, Thyrso chegou com a alma de quem viveu a Fonte Nova e fugiu de casa para ouvir a transmissão da final do Campeonato Brasileiro de 1959. Em campo, foi tetracampeão estadual. Dentro do elenco, Thyrso era um dos que mais sacaneava Baiaco. Ia até o quarto que ele dividia com Alemão e aproveitava a distração deles assistindo aos desenhos animados na TV para desligá-la e sair correndo.

Baiaco dava liberdade às pessoas de quem mais gostava. O pessoal da cozinha, seu Emídio e os jogadores mais próximos. Se alguém distante inventasse de tirar onda com a cara dele o baiacu inflava e dizia que não ia jogar. Aí tudo mudava de tom, só que Baiaco era determinado e só com intervenção de amigos mais próximos ou pessoas que ele respeitava, como Roberto Rebouças, Douglas ou Sapatão, é que ele mudava de ideia e entrava em campo.

O senhor Élcio Nogueira da Silva foi uma das pessoas que acompanharam Baiaco durante toda a sua carreira. Já não era mais o garoto que saiu da roça de Campo dos Goytacazes, município a quase 300 km da capital do Rio de Janeiro, ainda deslumbrado e

cheio de sonhos para jogar nas categorias de base do Flamengo quando desembarcou em Feira de Santana, a 110 km de Salvador, para jogar no Fluminense de Feira.

Élcio era mais conhecido por Sapatão, apelido que carrega até hoje, com seus 72 anos de vida já completos. Se hoje leva o apelido com carinho e naturalidade, não era bem assim que lidava quando forjaram sua alcunha. Sapatão conta que a casa onde os guris da base flamenguista ficavam alojados no começo da década de 1960 não oferecia muito conforto. Ela ficava próxima à subida do Morro da Rocinha, uma geografia convidativa para um frio da porra, como se diz em bom baianês.

Se o vento daquele pé de serra que nada tem a ver com forró era frio, a água de se banhar era pior ainda. A solução que a molecada encontrava era ficar jogando bobinho na porta de casa para aquecer o corpo e, só então, entrar correndo no banheiro para cair no chuveiro — ou nos banhos de cuia. Tudo dependia do dia.

Não é de hoje que o Flamengo é um time popular. Sabendo que, naquela casa, moravam possíveis futuros craques do time da Gávea, não eram raras as vezes em que crianças ficavam bisbilhotando a vida daqueles adolescentes dentro do alojamento, seja pra sonhar com a ideia de um dia também estar ali, seja para sacanear. E os pés tamanho 44 de Élcio eram um alvo tentador às peripécias dos pequenos espiões.

Entre uma gozação e outra, Élcio corria atrás dos moleques que o perturbavam. Dentro da casa, seus colegas rachavam o bico e completavam a fórmula perfeita para um apelido infame virar marca registrada. Havia a ideia, o alvo e seu respectivo despreço, além dos amigos, ou almas sebosas, em bom baianês e — reza a lenda — que até pernambucês, para fazer pegar. Ficar puto é pior. E assim nasceu Sapatão.

Junto a Baiaco, Douglas e Fito, o zagueiro Sapatão forma o quarteto vencedor de todos os sete títulos estaduais conquistados pelo Bahia entre 1972 e 1979. Os quatro foram protagonistas da chamada Década de Ouro da história do clube, que, nos anos 1970, só não faturou o título de 1972 por causa do poderio de Osni, Mário Sérgio e André Catimba, trio infernal do Vitória.

Sapatão, contudo, conhecia Baiaco de outros carnavais. E micaretas, já que a primeira vez que os dois se cruzaram não foi como companheiros de clube e sim como adversários. Sapatão era zagueiro do Fluminense de Feira campeão baiano de 1969 e vice de 1971. Enfrentou Baiaco em um punhado de oportunidades antes de se acertar com o Bahia, já em 1973. No ano anterior, passou pelo Santa Cruz e foi campeão pernambucano.

O convívio com Baiaco ia além da relação profissional. Os dois jogavam na defesa e esse trabalho em campo demandava certa simbiose. Sapatão afirma que o filho de São

Francisco do Conde deixava as coisas relativamente menos difíceis na zaga — nunca mais fáceis, considerando que a dupla se deparou com nomes tipo Tostão, Dirceu Lopes, Reinaldo e Paulo Isidoro.

Baiaco, por sua vez, enfrentou Pelé. Naquele mesmo 1969 em que o Fluminense se sagrou campeão baiano, o Bahia encarou o Santos em partida válida pela Taça de Prata, ou Roberto Gomes Pedrosa — o campeonato que serviu como uma espécie de transição entre a Taça Brasil e o Brasileirão.

O Santos desembarcou em Salvador carregando todos os holofotes midiáticos possíveis. O motivo era simples: segundo contagem própria, Pelé tinha 999 gols marcados e estava a apenas um gol de marcar o milésimo. Até então, seria o único jogador a bater a marca.

Pelé já era considerado o Rei do Futebol. Foi decisivo para o Brasil conquistar seu primeiro título mundial em 1958 e participou do começo da campanha do bicampeonato mundial no Chile em 1962, embora tenha se machucado ainda na primeira fase e a seleção tenha contado a partir daí com a magia de Garrincha para vencer sua segunda Copa. Se ficou impossibilitado de encantar no Chile, Pelé compensou nos anos seguintes. Pela própria seleção e pelo Santos.

Entre estaduais, regionais, nacionais, continentais e mundiais, de 1962 àquele 1969, Pelé conquistou 20 títulos somente pelo clube. Campeonato Paulista, Taça Brasil, Torneio Rio-São Paulo, Libertadores, Mundial, Recopa e Supercopa ganharam o carimbo do Rei.

Por todo esse contexto, a expectativa era grande em cima do jogo. Treinado por Antoninho, o Santos entrou em campo com Agnaldo; Turcão, Ramos Delgado, Djalma Dias e Rildo; Clodoaldo e Lima; Manoel Maria, Edu, Pelé e Abel.

O Bahia de Freitas Solich, por sua vez, foi escalado com Jurandir; Mura, Adevaldo, Nildo e Paes; Amorim e Eliseu; Manézinho, Zé Eduardo, Carlinhos e Artur. Baiaco entrou durante a partida, substituindo Carlinhos, de acordo com a súmula daquele cotejo, e sua missão naquele jogo era clara: parar o Rei.

Todo mundo queria que Pelé fizesse o milésimo, mas ninguém queria sofrer aquele gol. E Edvaldo conseguiu cumprir sua tarefa com certa maestria. Grudou no camisa 10, acompanhou de perto. Marcou, desarmou, bateu, foi driblado, mas nunca batido. E quando parecia que não tinha mais jeito, ainda viu seu trabalho do dia ser salvo pelo zagueiro Nildo, conhecido como Birro Doido, que tirou o milésimo gol já em cima da linha, após Pelé chutar contra a meta do Dique já sem goleiro.

O jogo ainda estava 0x0 quando Nildo adiou a festa do milésimo gol. Ainda havia bola para rolar e Baiaco ganhou mais um prêmio naquele dia: aos 39 minutos do segundo tempo, abriu o placar na Fonte Nova e marcou um dos seus poucos gols com a camisa do Bahia. Ao todo, foram 13 em 13 anos. Um deles contra o Santos de um Pelé faminto em busca de uma marca inédita no esporte. A água no chopp só não foi completa porque Jair Bala, que entrou substituindo Abel já na etapa final, empatou o jogo no penúltimo minuto. De toda sorte, a missão estava cumprida.

Pelé apanhava tanto quanto batia. O Rei do Futebol também gostava de conversar com seus marcadores. Numa dessas prosas dentro da cancha, ele falou a Baiaco que o volante deveria deixar pra lá a ideia de descer a porrada. Foi no famoso 1x1 do Bahia contra o Santos, no jogo que era pra ser o do seu milésimo gol.

Baiaco estava com a missão de parar o camisa 10. Decidiu se impor logo no começo do jogo e dar umas chegadas em Pelé. Os dois tinham se encontrado pela primeira vez em Aracaju. O Bahia recebeu o Santos lá e tomou uma sacolada de 4x0. Fito, Picolé e Douglas estavam no Santos àquela altura. Baiaco assume que deu tremedeira em ver — e ter de marcar — o Rei do Futebol. Mesmo depois da sacolada que o Santos aplicou, aparentemente Pelé viu boas virtudes no futebol de Baiaco.

Voltando para a Fonte Nova, o jogo que era pra ser do milésimo, Pelé recebeu a entrada de Baiaco e percebeu que o volante sabia marcar melhor do que bater. Aí veio o conselho: “Ô, neguinho, joga bola, porque você sabe jogar. Você não sabe dar pancada [e se der outra] vai se dar mal”¹⁶, aconselhou o camisa 10, que, repito, também sabia bater. Diferente de Baiaco. E Pelé sabia disso.

O craque do Bahia nunca gostou de treinar. A alimentação dele também não era das melhores. Por sorte, não bebia e nem fumava. Ainda assim, não eram raras as oportunidades em que ele passava um dia todo sem comer. Ou, quando comia, era uma dieta composta por refrigerante e biscoito. Um dos funcionários mais célebres da história do Bahia, Alemão era testemunha de tudo isso.

Baiaco diz que se machucava pouco e, quando machucava, os médicos davam injeções de infiltração para que ele pudesse ir a campo. As constantes infiltrações trouxeram consequências para o atleta. Mobilidade reduzida e dores. Muitas dores. Na época, ele não ligava muito, mas sabia que em algum momento isso iria lhe prejudicar. As infiltrações

¹⁶ FERNANDES, Bob. *Bora Bahêeeal!: A história do Bahia contada por quem viveu*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

deixaram para Baiaco um recorde de partidas jogadas pelo Bahia, títulos incontáveis, boas histórias e um buraco em sua coxa.

Ao contrário de seu velho amigo de quarto, Alemão diz que Baiaco sofria muitas contusões. Muito devido à pouca rotina de treinamentos e alimentação deficitária. O volante perdia de quatro a cinco quilos por jogo. Também pudera: se movimentava como poucos na história do futebol. Corria por ele, por São Francisco e pelos colegas que não gostavam de marcar. Com sangue quente, fazia tudo isso como poucos. Ou como quem não sentia dores horas antes de entrar em campo. Mas após as partidas elas voltavam. Cobrando ainda mais. Virou um ciclo vicioso.

Falecido em setembro de 2003, o massagista José Lourival dos Santos, o Alemão, dedicou 50 dos seus 73 anos de vida ao Bahia. Era um caso literal daqueles de “a vida me fez Bahia”. E fez mesmo.

Encarregado de vestir e proteger o time espiritualmente durante meio século, Alemão foi testemunha ocular dos títulos de 1959 e 1988. Neste último, inclusive, foi o responsável por quebrar o ebó deixado pelos gaúchos do Internacional na porta do vestiário de visitantes no Beira-Rio, no segundo jogo da final daquele Campeonato Brasileiro.

Alemão não nasceu Bahia. Como dito acima, foi a vida que lhe deu essa responsabilidade. Nascido em 1930, um ano antes do clube, ele trabalhava como sapateiro e era torcedor do Botafogo daqui da Bahia, time que era de Senhor do Bonfim e hoje nem existe mais. Consertava chuteiras numa época em que os birros, ou as travas, eram de cravo e precisavam ser feitos no martelo.

Começou a trabalhar no Bahia em 18 de novembro de 1953 e ficou por lá até o último dia de sua vida: 10 de setembro de 2003. Dentro do clube, foi massagista e depois chefe de rouparia. A mudança de cargo veio após a aposentadoria, como um artifício para não deixá-lo ir. Alguém tinha que proteger o Bahia: no céu era Deus, segundo a tradição católica. Na arquibancada, era Lourinho. No clube, Alemão.

O velho massagista também teve um privilégio do qual pouca gente desfrutou: a permissão para se aproximar de Baiaco. No elenco que tinha fama de não deixar quem não bebia ou fumava se criar, Baiaco foi a suposta exceção. A lenda diz que quem “não bebia, não jogava”. Alemão confirmava essa história e Baiaco contrariava as estatísticas.

O motivo para o massagista ser tão próximo do craque vinha de sangue. Ele era primo de Isaura, esposa de Baiaco. Ele não gostava de dividir quarto com outros jogadores. Alemão contava que era cisma dele, conforme dito ao jornalista Bob Fernandes (2003). Ao mesmo

tempo, porém, não queria ficar sozinho. Sabe-se lá se era medo de fantasma ou sei lá o quê. O fato era que onde estivesse o Bahia, os dois ficavam juntos.

Por dormir cedinho, Baiaco também acordava cedo. Ia até a cozinha conversar com o pessoal de lá. Quando enchia o saco, começava a fazer armadilhas para pegar passarinhos. Ele sempre gostou de pássaros e os bichinhos foram motivo de briga com Roberto Rebouças, um dos grandes jogadores da história do time.

Voltando para o Bahia x Santos de 1969, o fato é: Baiaco ficou mais leve após o conselho/elogio de Pelé. Um elogio do rei do Futebol, ora bolas. Ficou tão leve, mas tão leve que até fez o gol do Bahia naquele jogo que acabou empatado em 1x1. E sem o gol 1000 de Pelé.

O engraçado é que não é esse o jogo contra o Santos que Baiaco classifica como o mais importante de sua vida. Impediu o milésimo, fez gol e ganhou conselho. E mesmo assim não foi esse o jogo que Baiaco guardou com mais carinho, mas justamente o 4x0 sofrido em Aracaju.

Há muitos boatos, nenhum deles confirmados, sobre Baiaco e uma suposta burrice do camisa 5. Sapatão viveu com ele durante os tempos de cancha e teve contato com o volante até seus últimos dias de vida. A amizade foi além dos gramados: viraram compadres, grandes amigos assim como outros tantos do elenco heptacampeão. Sapatão rechaçava o mito que se instaurou no imaginário popular.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad)¹⁷ mostrou em 2020 que a Bahia é um dos estados com maior taxa de analfabetismo do país, com o oitavo pior número no território nacional: 13% dos quase 15 milhões de baianos não sabem ler ou escrever. A maioria deles negros, assim como Baiaco, que, mesmo sem ter a instrução formal, é defendido por Sapatão, até sob juramento, como uma das pessoas mais inteligentes que conheceu na vida.

Essa afirmação tem sua força, quando se considera que Sapatão foi criado numa família na qual a educação era vista como prioridade, ou melhor, obrigação. Sem as boas notas na escola em Campo dos Goytacazes, a proibição de continuar jogando no time do bairro, no da escola e, mais à frente, até o Flamengo, no qual chegou aos 16 anos, certamente seria imposta por seus pais.

¹⁷ ALOISIO, Daniel. Metade dos adultos baianos não tem Ensino Fundamental completo. Jornal CORREIO, Salvador, 16 jul. 2020. Disponível em: <[https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/metade-dos-adultos-baianos-nao-tem-ensino-fundamental-completo/#:~:text=Na%20Bahia%2C%2089%25%20dos%20analfabetos,brancos%20\(10%2C4%25\)>](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/metade-dos-adultos-baianos-nao-tem-ensino-fundamental-completo/#:~:text=Na%20Bahia%2C%2089%25%20dos%20analfabetos,brancos%20(10%2C4%25)>)>. Acesso em: 28 set. 2020.

Baiaco sabia viver e dificilmente se envolvia em polêmica, como fez seu colega Amorim ao bater o carro em uma bebedeira que lhe custou a vaga no time titular. Além disso, era um ótimo mediador de conflitos, por mais que sempre tenha sido avesso a muita prosa. Era ele o primeiro a pedir calma aos explosivos Sapatão e Douglas, este último principalmente, dono de personalidade mais explosiva.

Nas concentrações, gostava de jogador dominó, bingo e volta e meia pregava peça em um ou outro jogador. Um dos casos mais lembrados pelo elenco é de quando aproveitou o sono de Roberto Rebouças e pegou a gaiola na qual ele criava um casal de canarinhos. A intenção era deixar voar o canário macho, mais velho e dono de um menor amor do antigo camisa 4, mas Baiaco se atrapalhou e quem aproveitou a brecha no sistema para gozar de liberdade foi a canária, mais esperta, que saiu voando.

Foi motivo mais que suficiente para Rebouças, ao ser despertado com o riso dos colegas, ficar putíssimo da vida. No meio da confusão, entre risinhos e preocupados, o próprio Baiaco resolveu a treta. “*Ó, seu Rebouças, fique na sua pra eu não te encher de cascudo, viu?!?*”, desconversava. A galera cascava o bico, termo baianês para “se acabava de rir”, e ele se via livre de problema com um armário de quase 1,90 m.

As resenhas envolvendo canários eram constantes naqueles elencos. O próprio Baiaco gostava muito de criar seus passarinhos e já foi vítima das peças pregadas pelos companheiros de cancha. Em meados de 1975, a turma aproveitou um vacilo e pegou a gaiola com seus pássaros. Revoltado, ameaçou até ficar sem jogar enquanto seus bichinhos não estivessem de volta. Mas não precisou disso tudo. E o Bahia foi tricampeão baiano de forma invicta naquele mesmo ano.

Com a proteção de Baiaco, o tricolor chegou a ficar 50 jogos sem perder pelo estadual, numa série que durou de 1974 até 1976.

Quem era difícil de se afastar de briga era Douglas, ou “Franquílín”, como os velhos companheiros o chamam até hoje, na pirraça, mudando a pronúncia de seu segundo nome, Franklin.

Segundo maior artilheiro do Bahia na história, Douglas foi um homem privilegiado, com acesso à educação desde a infância. Trigésimo maior artilheiro da história do Santos, conviveu com jogadores e culturas internacionais enquanto jogava pelo Peixe, remando contra o inevitável banco que comia por jogar na mesma posição que Pelé — um dissabor que muito foi benéfico ao Bahia: Fito também foi reserva do Rei antes de chegar a Salvador.

Por conhecer tanta gente, Douglas era contestador e nunca foi muito chegado a medir as palavras. Logo que chegou ao Bahia, em 1972, percebeu que Baiaco era um frente de zaga

com um talento muito superior ao habitual. O vigor físico do camisa 5 também se destacava: o filho de São Francisco trabalhava incansavelmente, feito maré que não para. Subia e descia a todo momento. Cobria laterais, zaga e meio-campo, dando tranquilidade a seus colegas para sair do setor intermediário e flutuar até o ataque.

A identificação do talento evoluiu para amizade, no decorrer dos treinamentos. É até óbvio, mas não dá para esquecer que o futebol há 40 anos era completamente diferente do praticado hoje. As cifras ao seu redor não fogem disso. Um jogador reserva de time grande no Brasil certamente ganha muito mais do que antigos craques, titulares incontestáveis dos grandes clubes nordestinos.

A hora de fazer dinheiro, ou de pelo menos conseguir alguma coisa, eram nas renovações de contrato. Douglas entendeu que o tratamento dado a Baiaco estava longe do ideal e logo aconselhou que o amigo exigisse um apartamento para renovar seu vínculo com o Bahia. Ele recorda dessa como uma das primeiras conversas sérias que teve com um colega de clube. É preciso dizer que aconteceu em 1972, ano em que desembarcou em Salvador.

Chegar à capital baiana representou um grande milagre na vida de Douglas e isso está longe de ser uma hipérbole. O meia tinha tudo acertado para jogar no América do Rio de Janeiro. Tinha até passado um tempo treinando no Mecão, com o qual fez acerto verbal.

Sabendo que o negócio com os cariocas ainda não estava selado, o Bahia decidiu apelar. O clube vivia um momento de reconstrução após uma década de 1960 não tão vitoriosa quanto havia se acostumado. Chegou a enfrentar jejum de quatro anos sem título estadual, algo inédito na história desde sua fundação em 1931. Após o pentacampeonato de 1962, só foi voltar a vencer em 1967. Nesse período, assistiu ao bicampeonato do Vitória (1964 e 1965) e os títulos inéditos de Fluminense de Feira (1963) e Leônico (1966).

A reformulação do elenco passou pela busca de jovens talentos no interior e Baiaco foi o grande expoente dessa política, mas o Bahia aproveitou também para buscar atletas nos grandes centros e Douglas era a cara desse perfil.

Para sorte do Bahia, ele aceitou a proposta de se picar para um estado nordestino. Jogou para cima a passagem que tinha o Rio de Janeiro como destino e veio seguir sua vida em Salvador. Chegando à capital baiana, recebeu a notícia de que o avião apelidado de “Samurai”, uma homenagem por sua origem japonesa, de modelo NAMC YS-11, da antiga Vasp, colidiu com a Serra de Maria Comprida, em Petrópolis — região serrana do Rio de Janeiro. Era o voo que estava programado para ser de Douglas. Todos os 25 tripulantes e passageiros a bordo morreram.

No ano seguinte, outro avião do mesmo modelo e empresa foi protagonista de um novo acidente aéreo, novamente no Rio de Janeiro. Foi em 24 de outubro de 1973 quando o PP-SMJ caiu nas águas da Baía de Guanabara com 65 pessoas a bordo. Cinco delas morreram.

Douglas contou com a sorte e com o Bahia para sobreviver. Os acidentes em sequência o fizeram tomar um pavor completo de avião. Até hoje, só viaja de carro ou ônibus, ou qualquer coisa que não ouse deixar o solo. Escapar do acidente também acelerou o seu vínculo afetivo com o Bahia. A frase mais conhecida do antigo craque é “O Bahia salvou minha vida”. Ele retribuiu à torcida com gols e aos companheiros com muitos ensinamentos.

Baiaco, ou melhor, dona Lealdina ouviu os conselhos de Douglas. Ela pressionou e o Bahia lhe comprou um apartamento na Pituba. Baiaco não fazia muita questão do local, tanto que logo de cara o alugou para Douglas, recém-casado e recém chegado na cidade, morar com sua família enquanto seu próprio apartamento passava por reforma. Ficou cerca de um ano morando no lugar antes de devolvê-lo ao amigo e locatário.

A minha relação com Baiaco era tão boa... olha, vou te contar: quando eu cheguei na Bahia eu falei ‘Baiaco, você joga muito, mas infelizmente você não sabe fazer contrato. Sabe o que você precisa? De um apartamento. Você tem que falar pro Bahia te dar um apartamento’. Aí o Bahia deu um apartamento pra ele e eu que fui morar lá. Eu alugava o apartamento na mão dele. O apartamento era na Pituba, perto do Colégio Militar. Dom João VI? Não! Era na Paulo VI [...]

Lembra Douglas em entrevista por telefone.

Assim como fazia pouco caso do apartamento — seu negócio era ficar em São Francisco do Conde mesmo — também não dava muita trela à imprensa e aos eventos sociais. Era uma época em que a revista *Placar* era muito forte. Em sua primeira fase, entre os anos de 1970 e 1980, a tiragem era semanal. Por isso, não eram raros os perfis de jogadores que se destacavam no país. Indiscutivelmente Baiaco era um dos melhores de sua posição.

O CEP era fundamental para que não chegasse à seleção brasileira — algo que fica comprovado quando se leva em consideração que alguns de seus colegas de clube vestiram a amarelinha logo após sair de Salvador rumo a polos como Rio e São Paulo. Perivaldo e Cristóvão Borges são bons exemplos disso.

Jogar na seleção era um grande sonho? Sim. Mas o preço para isso não parecia tão atrativo. Uma questão de custo-benefício. Baiaco amava jogar bola, amava o Bahia e amava sua cidade. Estava fazendo tudo que gostava, com um certo conforto. E ele gosta das coisas assim. Sem bulir com ninguém e fazendo o dele numa boa.

Esposa de Sapatão, Dona Ju Nogueira conta que não foram poucas as vezes em que seu marido representou Baiaco em eventos realizados pela Federação Bahiana de Futebol ou pela imprensa. Baiaco simplesmente não aparecia. Pior ainda: dava *zig*¹⁸ até em festas organizadas pelo clube e passeios dos jogadores. No aniversário de um ano do filho mais velho de Sapatão, todo o clube, direção, jogadores e seus respectivos familiares se juntaram para comemorar. Baiaco, cotado até para ser padrinho da criança, sequer apareceu. Dona Ju ficou retada.

O paradeiro dele naquele dia é, até hoje, um mistério. Mas, se você chegou até esta fase do livro, certamente deve ter uma ideia de onde Baiaco se meteu.



Figura 4:

Fonte:

Não é que Baiaco seja mascarado, marrento ou qualquer coisa dessa. Só é um cidadão pacato mesmo. Muito na dele, como se diz por aqui. E, ao mesmo tempo, muito tímido. Tão tímido que sequer faz questão de contar sobre sua rica história. Quem pretende entrevistá-lo

¹⁸ “Zig”, na Bahia, é um encurtamento do neologismo “zignau”, que significa sumir, ou dar um perdido em algo ou alguém.

deve se preparar para uma corrida em que a chance de ganhar é bem pouca. Ele nunca foi muito chegado aos holofotes, mas jogava tanto que sempre estava por lá.

Quando a prefeitura de São Francisco resolveu homenageá-lo com uma estátua na porta do estádio Junqueira Ayres, a cidade ficou em festa. Baiaco é um ídolo e atração turística da cidade pela facilidade com que se encontra aquele senhor, hoje com seus 70 anos, nas ruas do município. Joga dominó, vê os babas nas ruas e praias, conversa numa boa com seus conterrâneos. Por ser de fato um homem do povo, a cidade ficou muito feliz com a notícia de sua estátua. Entre fogos, festa, discursos e alegria, a Baiaco só chamou atenção o fato de a escultura não ser lá tão semelhante à sua aparência física.

Quando questionado sobre o que achava da homenagem, ele agradeceu, mas falou que aquele cara da estátua não parecia com ele, não. Quem conta essa história é o jornalista Elton Serra, autor do livro *A década de ouro*, que esmiúça detalhes do heptacampeonato estadual do Bahia.

Em São Francisco do Conde fizeram uma estátua pra ele. Quando chegou na frente da estátua falou que o cara não parecia com ele, não ligou nem um pouco enquanto estava rolando uma festa retada. Um cara muito humilde e muito tímido. Há muito folclore em torno dele por ser um cara sem escolaridade, humilde, tímido. Até hoje baiaco não dá entrevista, ele não quis falar para meu livro. Chamei para contar a história dele e ele nunca apareceu.

Relatou Elton Serra em entrevista para a construção deste livro.

Há também histórias completamente folclóricas envolvendo o nome de Baiaco. Uma delas é a do Motorádio, um produto cobiçado nos idos de 1970 porque alcançava frequências até do exterior. Uma ação de *marketing* dava ao melhor jogador de determinadas partidas o aparelho como prêmio pelo feito em campo. A lenda de que, ao ganhar o aparelho, foi questionado por um repórter sobre o que faria com ele e respondeu que “fico com a moto, o rádio vou dar à minha mãe” é completamente falso. Isso jamais aconteceu. Internet afora, essa história é contada com o nome de diversos outros jogadores. Baiaco foi vítima dessa *fake news* por conta de seu perfil mais humilde e avesso a holofotes.

Contudo, uma outra história envolvendo um aparelho de rádio é verdadeira. Diretor de futebol do clube, Paulo Maracajá chegou ao vestiário mostrando um jornal que supostamente tinha uma matéria informando que Dirceu Lopes, do Cruzeiro, teria declarado que acabaria com ele durante uma partida do Brasileirão. Dirceu já tinha causado problemas a Baiaco em

um amistoso da seleção brasileira contra o Bahia em julho de 1969, que o Brasil venceu por 4x0, com um gol do Príncipe.

Baiaco então pegou ar, fazendo valer o antigo apelido de Baiacu. Entrou em campo e conseguiu segurar Dirceu e o Cruzeiro no Brasileirão de 1971. No Mineirão, o jogo ficou em 0x0. Baiaco foi o melhor em campo. Na outra semana, Maracajá tentou repetir a estratégia, mas Baiaco disse que não seria mais enganado: ele ouviu o noticiário da semana no rádio e descobriu que Dirceu sequer tinha falado em seu nome.

Apesar de ter marcado Pelé, o rei não é o atacante que mais deu dor de cabeça ao volante tricolor. Dirceu Lopes é o dono desse posto. O Príncipe não carregava essa alcunha por acaso. Foi, em campo, um dos maiores representantes do futebol-arte. Dono dos mesmos 1,62 m que Baiaco, deu canseira ao volante.

O futebol mineiro foi quem criou dois dos principais algozes dos heptacampeões baianos que jogavam na defesa. Sapatão conta que nunca marcou ninguém tão cruel quando Reinaldo, do Atlético Mineiro. O Rei, Pantera Negra que peitou a ditadura militar ao comemorar seus gols com punhos fechados. Sapatão conta que ficava de olho no camisa 9, mas num piscar de olhos tudo acontecia e quando dava por si lá estava ele com seu punho em riste.

7 Olhar tático

Manter o time com um mesmo padrão de jogo durante uma década é algo muito difícil. Com a rotação desenfreada dos técnicos do futebol atual, a missão parece ser até um pouco mais custosa, ainda mais quando se considera que, no futebol brasileiro, a política de contratação de treinadores é absolutamente esquizofrênica. O mesmo time que inicia a temporada com um treinador super ofensivo termina o ano com um outro que tem predileção por posturas mais defensivas porque é aquilo que se precisava no momento. O momento é que conduz as decisões na cabeça de dirigentes que sequer têm um objetivo para o próprio futuro.

Baiaco estava longe de ser o dono da maior qualidade técnica dos times que passou. Jogadores como Douglas, Fito, Cristóvão e Perivaldo tinham muito mais habilidade e recurso com a bola nos pés. Douglas é apontado como o melhor jogador da história do clube — um título justo para o segundo maior artilheiro da história do Bahia, com 211 gols.

Só que Baiaco entregava um vigor físico que nem Douglas e talvez nenhum outro jogador já tenha exibido no time. E, talvez, no futebol brasileiro. A inteligência tática de Baiaco também era algo fora do comum. O volante tinha um senso de posicionamento que o deixava apto para fazer a cobertura do zagueiro e dos dois laterais. Para além disso, tinha um bom passe e conseguia iniciar bem as jogadas de ataque do time. Meias como Elizeu Godoy,

Fito e Douglas só podiam agradecer. Douglas até chegou a jogar um pouco mais recuado durante a campanha do hepta, mas não tinha a mesma aptidão para marcar que Baiaco.

O volante era um elo de sustentação entre defesa e ataque dos times nos quais jogou. Se o time perdia a bola, lá estava ele para abafar, dando tempo para a defesa se recompor. Com a bola, não abdicava de jogar e participava das táticas ofensivas. É tanto que apareceu para atacar em diversos jogos importantes e difíceis de serem jogados. O gol contra o Santos no jogo do milésimo gol barrado é um bom exemplo, mas há outros: no bicampeonato de 1971, ele foi crucial no jogo contra o Botafogo, aparecendo dentro da área para dar o passe para o gol de Carlinhos. O Bahia tomou a virada, mas buscou o empate no final com Roberto Rebouças.

O Vitória empatou naquela mesma rodada e, no jogo decisivo entre as duas equipes, o Bahia venceu por 1x0 e faturou o título.

Contra o Leônico, na final que decidiria o hexacampeonato de 1978, o Bahia saiu atrás no placar, mas Baiaco foi quem empatou minutos depois após tabela com Beijoca. Merica fechou o caixão com o gol que virou o jogo.

Era um monstro na defesa, mas com participação interessante no ataque, apesar da fama de ser um volante que apenas marcava. Na verdade, o poder de marcação de Baiaco era tão intenso que se sobressaía, mas ele não pegava tanto baba nas praias de São Francisco à toa. O camisa 5 tinha qualidade com a bola nos pés, o que não deve ser nenhuma surpresa, já que chegou a jogar como ponta-direita e ponta de lança pelo Bahia. Até bico de lateral direito ele fez até ficar como a primeira opção no meio-campo.

8 Porta dos fundos

Há pesquisadores que apontam Baiaco como o jogador que mais vestiu a camisa do Bahia em toda a história do clube. Fred do Chame-Chame é um deles e aponta que o moço de São Francisco disputou 448 jogos entre 1967 e 1980 — é uma informação que faz sentido, visto que Baiaco pouco se lesionava e, quando estava machucado, jogava sob a anestesia de infiltrações, principalmente nos joelhos, parte do corpo que lhe era mais exigida durante seu trabalho em campo. Corridas, divididas, pulos. A carga por lá não era pouca e Baiaco corria muito.

Some-se isso a uma alimentação pouco nutritiva e está pronta a fórmula do cansaço muscular e do desgaste acelerado do corpo. Baiaco perdia de quatro a cinco quilos por partida de tanto que corria. Tinha mania de passar o dia sem comer ou, quando comia, se alimentar de biscoitos e refrigerantes. O corpo cobrava. Pervetin, Gluconergan e outros nomes do tipo faziam parte da rotina dos jogadores naquele tempo. Alguns até sem saber.

Baiaco diz que, quando se machucava, tomava infiltração e jogava. Tornozelo e joelho eram o que mais recebiam as injeções. Só que na coxa ficou a marca: um buraco imenso que

foi se criando de acordo com a quantidade de injeções que tomava, dadas pelo médico do clube. Baiaco diz que não lembra quantas vezes tomou e que sequer contava.

Ele diz que nunca pediu para tomar as injeções e tinha consciência de que um dia isso acabaria lhe prejudicando. O tempo fez o papel de mostrar que aquele pensamento estava correto.

Não gostava de se machucar, mas, então, quem é que gosta?! Além da dor, ficar sem jogar bola era algo insuportável para o ex-volante. Departamento médico era muito chato. Ficar de fora, pior ainda. E se alguém roubar o lugar no time? Não, ficar machucado não era uma opção. E as lágrimas que derramava pelos cantos quando estava lesionado atestavam o desespero que enfrentava sempre que ficava sem condições de jogo.

Por mais que um migué ou outro na hora de fazer treinamentos físicos ousassem em pensar dizer algo diferente, Baiaco deu muito ao Bahia. O time já afirmou que ele jogou entre 1968 e 1981, mantendo a contagem dos 13 anos e mudando as temporadas. Por conta do trabalho de curadoria e pesquisa realizada pelo museu do clube, a informação que se tem hoje é de que algumas coisas já convencionadas sobre a história do Bahia podem mudar. A informação de que Baiaco é quem disputou mais partidas, inclusive.

O que se tem de fato é que, durante os dez anos em que foi titular, levantou dez títulos. Além dos bicampeonatos baianos de 1970 e 1971 e do heptacampeonato entre 1973 e 1979, também venceu o Torneio Início de 1979, recheando a sala de troféus do clube.

Roberto Rebouças também nasceu no Recôncavo Baiano, em São Félix, a menos de 60 quilômetros da São Francisco de Baiaco. Começou jogando no seu time do coração, o Vitória, e se mudou para o Bahia em 1963, quando tinha 24 anos de idade. Ele nasceu em 1939, dez anos antes de Baiaco. Foi a primeira negociação entre Bahia e Vitória que se tem registro. O tricolor, em contrapartida, mandou o atacante Didico para o Leão.

Roberto fez de tudo um pouco no Bahia. Desde quase sair na mão com o então presidente Osório Villas-Boas até jogar de atacante em decisão de turno do Campeonato Baiano. Mudou-se para o Palmeiras em 1966 porque bateu o carro e não tinha um tostão no bolso para bancar o conserto. Sim, o reparo no carro foi o valor de seu passe, mas a estadia no alviverde não durou muito. Ainda passou pelo Ponte Preta antes de voltar ao Bahia em 1970 para ganhar, enfim, o primeiro título pelo tricolor.

Foi bicampeão em 1971 e pouco participou da campanha do vice-campeonato do ano seguinte, primeiro porque sofreu uma lesão séria, que lhe custou quase um ano no departamento médico, e depois porque seus problemas de indisciplina foram o motivo perfeito para o paraguaio Fleitas Solich afastá-lo do elenco.

Àquela altura, já tinha seus 34 anos, mas ainda jogou um bocado. Solich caiu, Roberto voltou ao elenco sob a tutela de Evaristo de Macedo e só se aposentou aos 39 anos, após levantar a taça de pentacampeão estadual em 1976. Diferente de Baiaco, Roberto Rebouças gostava de beber, fumar e curtir os prazeres mundanos, digamos assim. Até por isso era conhecido como Roberto Birita na boca das más línguas.

Durante sua trajetória no clube, foi auxiliar técnico de Paulo Amaral, em 1974, e assumiu o comando do time interinamente, acumulando as funções de jogador e treinador até a chegada de Zezé Moreira, técnico da campanha do título invicto em 1975. Fez sua despedida do clube em 1979, ano do hepta, durante a comemoração dos 20 anos da conquista da Taça Brasil de 1959. Roberto integrou o time dos campeões, que enfrentou uma seleção de master do Vitória.

Mesmo com problemas políticos travados com Paulo Maracajá, Roberto Rebouças teve um jogo de despedida. A liderança que ele tinha incomodava o dirigente, mas a partida para fechar o ciclo era algo merecido para o gigante de cabelos e bigodes loiros, que jogou até com perna fraturada quando foi necessário.

Sem problemas políticos, sem brigas na imprensa e com até mais serviços prestados ao clube, Baiaco sequer teve um jogo para dizer adeus ao clube que serviu durante a maior parte de sua carreira. Após o heptacampeonato, o elenco já estava desgastado. Não em relações pessoais, mas sim nas condições físicas. A média de idade já rodeava seus 30 anos e estava chegando a hora do clube fazer uma reformulação nos seus jogadores, que incluía o fato de jogar para escanteio boa parte de seus ídolos.

Ele próprio chegou a pedir um jogo de despedida para o Bahia, mas teve o pedido negado por Paulo Maracajá, que pediu que ele pagasse uma cota ao time para que a partida fosse organizada. Os dois joelhos acumularam infiltrações consecutivas, que culminaram em uma artrose com a qual convive até hoje. Precisou operar e não teve o contrato renovado com o clube no início da década de 1980. Saiu do Bahia e, curiosamente, aceitou proposta do Dom Bosco, time do Cuiabá. Não ficou muito tempo por lá e retornou para a Bahia. Reencontrou Douglas Franklin no Leônico, onde encerrou sua carreira. Acredite ou não, o maior volante da história do Bahia não teve direito a um jogo de despedida.

“Quem cuidava das coisas de Baiaco era a mãe dele. Ele não tinha escolaridade e a mãe dele que resolvia as coisas. Ele nunca se preocupou em ganhar dinheiro. Sempre enrolavam, dava um ano de contrato, algum carro, um apartamento. Pelo fato dele não se impor,

não ser um cara midiático ou não ser um cara com escolaridade para discutir contrato os caras mandaram embora. O Bahia não tinha obrigação de manter o jogador, mas tinha que ter encerrado o ciclo de uma forma digna. Na época era tranquilamente um dos melhores jogadores do futebol brasileiro, mas não dava entrevista, não aparecia em jornal. A placar naquela época fazia perfil de vários jogadores. Ele não gostava de imprensa, gostava do Bahia e de jogar bola”, descreve Elton Serra.

Baiaco tem uma grande mágoa por não ter tido a despedida que imaginou. Ele mesmo pediu a Paulo Maracajá para que o Bahia disputasse um amistoso em sua homenagem em São Francisco do Conde. O mandachuva disse que só faria isso se Baiaco pagasse uma cota para o Bahia. Isso doeu. E dói até hoje.

Depois desse desgosto, seguiu afastado do clube. Ele não queria a renda da partida nem nada disso. Só queria fazer uma apresentação para o povo de sua cidade e tomou esse tapa na cara. Desafeto histórico de Maracajá, Douglas fica puto até os dias de hoje ao lembrar disso.

O eterno craque diz que Maracajá usava Baiaco e que o volante não percebia uma série de artimanhas do dirigente. Outra reclamação é de que nunca deu oportunidade para ex-atletas retornarem ao Bahia para fazer um trabalho nas divisões de base ou situação semelhante. Douglas acredita muito no poder de um legado e crê que ex-jogadores podem transmitir isso às novas gerações para construir um ciclo de identidade em torno do clube.

Maracajá admite concordar que muitos jogadores deveriam ter um jogo de despedida e alega que Baiaco já estava no Leônico quando fez essa solicitação. A seu favor, diz que Baiaco comprava carro novo todo ano e que dava conselhos ao volante. A cobrança, portanto, foi quase uma “obrigação” para com os cofres do clube, na opinião do ex-cartola.

Na entrevista para Bob Fernandes, no Livro *Bora Bahêee: a história do Bahia contada por quem a viveu* (2003), Maracajá assume que foi um erro dele não ter feito um jogo de despedida para Baiaco e os outros três heptacampeões: Fito, Douglas e Sapatão. No dia 11 de junho de 2003, o Bahia “realizou” esse jogo. O tricolor venceu a Seleção de São Francisco do Conde por 6x1 e Baiaco recebeu uma placa de Maracajá. Na época, tinham se passado 22 anos desde sua aposentadoria.

Assessor de imprensa do Bahia na época, Darino Sena afirmou que não foi um grande evento. Tanto que o clube nem se deu o trabalho de enviar um profissional de comunicação

para aquela ocasião. Foi um amistoso de pré-temporada. Baiaco deu o pontapé inicial e recebeu a placa das mãos de Maracajá, e por causa dele, que era funcionário da Prefeitura de São Francisco do Conde, o clube não cobrou a taxa que normalmente exigia para jogar em outros locais, revertendo toda a renda para Baiaco.

Naquela época, o Bahia seguiu buscando fazer homenagens aos atletas. Foi numa dessas que Baiaco retornou à Fonte Nova, em 2003, após quase 20 anos sem pisar no estádio que tanto fez parte de sua história. Vários jogadores entravam em campo com a camisa do clube antes das partidas, davam volta olímpica e ganhavam o carinho de torcedoras e torcedores.

Falecido em 2020, vítima da Covid-19, Sapatão não foi um dos homenageados dessa campanha. Na época, o zagueirão atuava como técnico, estava na ativa e a diretoria do Bahia tinha resistência em homenagear quem estava trabalhando no futebol.

O Bahia pós-Maracajá seguiu buscando maneiras de correr atrás do prejuízo histórico. Gravou algumas entrevistas com o ex-volante para seu canal oficial no YouTube e sempre abre os portões do Fazendão para que ele faça visitas e converse com os jogadores. O amor pelo Bahia não diminuiu e é potencializado pela companhia dos velhos colegas de cancha, que sempre vão ao estádio. Beijoca, Osmar, Sapatão e tantos outros costumam fazer encontros nos jogos do time na Fonte Nova.

Além disso, o clube também fez uma homenagem a Baiaco em seu novo Centro de Treinamento, que carrega o nome de Evaristo de Macedo. O prédio da Divisão de Base foi batizado com o seu nome: Edvaldo Santos. Baiaco esteve na inauguração do complexo, localizado em Dias D'Ávila, e foi motivo de festa para a torcida, que gritou seu nome e fez uma vaquinha para comprar uma camisa para ele ali, na hora e no improviso. Meu pai, Menandro Neto, estava no bolo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Clara. **Os dez mais do Bahia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Maquinária, 2015.

ALOISIO, Daniel. Metade dos adultos baianos não tem Ensino Fundamental completo.

Jornal CORREIO, Salvador, 16 jul. 2020. Disponível em:

<[https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/metade-dos-adultos-baianos-nao-tem-ensino-fundamental-](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/metade-dos-adultos-baianos-nao-tem-ensino-fundamental-completo/#:~:text=Na%20Bahia%2C%2089%25%20dos%20analfabetos,brancos%20(10%2C4%25)>)

completo/#:~:text=Na%20Bahia%2C%2089%25%20dos%20analfabetos,brancos%20(10%2C4%25)>. Acesso em: 28 set. 2020.

BAHIA dos sonhos: Baiaco. **Portal Oficial do Esporte Clube Bahia**, Salvador, [201-?].

Disponível em: <<https://www.esporteclubebahia.com.br/multimedia/bahia-dos-sonhos-baiaco/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

BAIACO é integrado à comissão técnica do São F. do Conde. **Portal oficial da Federação Bahiana de Futebol (FBF)**, Salvador, 26 jul. 2012. Disponível em:

<http://www.fbf.org.br/intermunicipal/index.php?menu=noticias&id=290&num_pag=77&qtd_pag10>. Acesso em: 15 ago. 2020.

EM 2015, esperança de vida ao nascer era de 75,5 anos. **Agência de notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 1 dez. 2016. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9490-em-2015-esperanca-de-vida-ao-nascer-era-de-75-5-anos>>. Acesso em: mar. 2018.

ESPECIAL 1988. **Portal Oficial do Esporte Clube Bahia**, Salvador, [201-?]. Disponível em: <<https://www.esporteclubebahia.com.br/historia/especial-1988/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

FERNANDES, Bob. **Bora Bahêeeea!**: A história do Bahia contada por quem viveu. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

PALMA, Miro. Troféus de 59 e 88 do Bahia são achados em sacos de lixo, largados em sala. **Jornal CORREIO**, Salvador, 19 set. 2013. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trofeus-de-59-e-88-do-bahia-sao-achados-em-sacos-de-lixo-largados-em-sala/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

PEREIRA, Thiago. Bahia apresenta orçamento para 2020: meta de 50 mil sócios e R\$ 30 milhões em venda de jogadores. **Globo Esporte**: Bahia, Salvador, 16 dez. 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-apresenta-orcamento-para-2020-meta-de-50-mil-socios-e-r-30-milhoes-em-venda-de-jogadores.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2020.

QUEIROZ, Bruno. Orçamento no Bahia aumentará 57% em relação à temporada 2015. **Jornal CORREIO**, Salvador, 25 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/orcamento-no-bahia-aumentara-57-em-relacao-a-temporada-2015/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

RODRIGUES, Alan. Fonte Nova: Campanha de 1988 estabeleceu recorde de público no bi do Bahia. **Jornal CORREIO**, Salvador, 26 ago. 2010. <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fonte-nova-campanha-de-1988-estabeleceu-recorde-de-publico-no-bi-do-bahia/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

RODRIGUES, Gabriel. Bahia tem queda de receita de quase R\$ 10 milhões durante pandemia. **Jornal CORREIO**, Salvador, 2 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-tem-queda-de-receita-de-quase-r-10-milhoes-durante-pandemia/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SERRA, Elton. **Década de Ouro**: a história do heptacampeonato do Esporte Clube Bahia. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014.

SOBERANOS! Conheça as maiores sequências de títulos nos estaduais Brasil afora. **Portal R7**, São Paulo, 12 maio 2016. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/futebol/fotos/soberanos-conheca-as-maiores-sequencias-de-titulos-nos-estaduais-brasil-afora-12052016#!foto/4>>. Acesso em: 9 set. 2020.

TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos**: um olhar sobre o futebol. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VOCÊ conhece Baiaco?, Blog **Comentando Futebol**, [S.l.], 20 set. 2011. Disponível em:
<<http://focadoemvocefutebol.blogspot.com/2011/09/voce-conhece-baiaco.html>> Acesso em:
15 ago. 2020.